



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

Navegando pelas memórias de Joel Silveira

EDUARDA MARTINS KNACK

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

Navegando pelas memórias de Joel Silveira

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Jornalismo.

Nome: Eduarda Martins Knack
Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

K67n KNACK, Eduarda
 Navegando pela memórias de Joel Silveira /
Eduarda Knack. -- Rio de Janeiro, 2022.
 59 f.

 Orientador: Marialva Barbosa.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2022.

 1. Jornalismo de guerra. 2. Memória.
3. Correspondência de guerra. 4. DIP. 5. Segunda
Guerra Mundial. I. Barbosa, Marialva, orient.
II. Título.


Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO


TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Navegando pelas memórias de Joel Silveira** elaborado por **Eduarda Martins Knack**.

Aprovado por

Documento assinado digitalmente
 MARIALVA CARLOS BARBOSA
Data: 24/01/2023 18:03:39-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa (orientadora)

Documento assinado digitalmente
 ANA PAULA GOULART RIBEIRO
Data: 20/01/2023 08:26:33-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro



Grau: 9,0

Rio de Janeiro, no dia 09/01/2023

Rio de Janeiro

2022

*Dedico essa monografia para a pessoa que
acreditou e que ainda acredita em mim,
mesmo que de longe: minha avó Zahira
Rodrigues Martins (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e à Nossa Senhora, por me darem força, foco e luz durante toda a produção da monografia e durante todos esses anos que estiveram comigo.

Aos meus pais, Eduardo e Cátia Knack, por estarem sempre ao meu lado me apoiando e por serem quem são. Ao meu irmão Rafael Knack que torceu por mim, por ser meu amigo em todas as horas e o melhor irmão que alguém poderia ter.

Aos meus avós, tios e primos que sempre me apoiaram, me deram força e torceram por mim em cada passo que dei desde de bem pequena.

Às minhas amigas da adolescência, Caroline Alves, Isabella Klava, Natalie Monteiro, Júlia De Paula e Vanessa Fernandes, que, desde os tempos de colégio, são a minha segunda casa e foram essenciais para o desenvolvimento da monografia.

Às minhas amigas que a faculdade me deu, Maria Eduarda Lourenço, Maria Luise Brey, Mariana Reduzino e Allana Marcelle, que estiveram ao meu lado nesses quatro anos de graduação, desde idas ao famoso "bandejão" da UFRJ até ficar horas fazendo trabalhos para a faculdade.

Aos professores que a graduação me proporcionou, em especial a Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa, o Prof. Dr. Alexandre Leitão e a Profa. Dra. Carine Prevedello, que, com suas aulas, fizeram com que o meu amor pelo jornalismo aumentasse.

Ao Museu Histórico Nacional, que me ensinou a atuar na área da comunicação, por me proporcionar experiências únicas e amizades que ficarão na memória.

*“Esta tarefa de nossos companheiros nos jornais
jamais será esquecida pelos compatriotas e,
principalmente, pelos que têm seus entes
queridos na Guerra”.*
(Egydio Squeff)¹

¹ SQUEFF, Egydio. **O Globo Expedicionário**, no. 23, 8 fev. 1945, p.1. Disponível em: <
http://memoria.bn.br/pdf/177415/per177415_1945_00023.pdf>. Acesso em 23 out. 2022.

KNACK, Eduarda Martins. **Navegando pelas memórias de Joel Silveira**. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

A presente monografia procura mostrar, sobretudo, através de textos memorialísticos escritos por Joel Silveira, como era realizada a cobertura jornalística de guerra, para o jornal “Diários Associados”, sobre a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), nas batalhas da Segunda Guerra Mundial, na Itália, tendo em vista a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda. Considerado um dos períodos mais brutais do século XX, diversos jornais do mundo se mobilizaram, entre eles os do Brasil. De início, devido a censura, somente jornalistas do governo, ou seja, da Agência Nacional, poderiam cobrir o evento. Após a insistência dos principais jornais do país, a guerra pôde ser acompanhada por seus jornalistas, entre eles Joel Silveira. Ao longo do trabalho serão analisadas algumas de suas reportagens para o periódico *O Jornal*, no período indicado, além de livros e depoimentos do jornalista, artigos e pesquisas. Do ponto de vista conceitual, refletimos sobre a questão da memória como ferramenta da história.

Palavras-chave: Jornalismo de guerra; Memória; Correspondência de guerra; DIP; Segunda Guerra Mundial.

KNACK, Eduarda Martins. **Navegando pelas memórias de Joel Silveira**. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

ABSTRACT

The meaning of this monograph is to show, through Joel Silveira's memorial texts, how the journalistic coverage of the war was carried out, for the newspaper "Diários Associados", about how the Brazilian Expeditionary Force (FEB) acted in the battles of the WWII, in Italy, considering the censorship made by the Department of Press and Propaganda. Knowledge as one of the most brutal periods of the 20th century, several newspapers around the world mobilized to do so, including those from Brazil. At first, due to censorship, only journalists from the government, comes from National Agency, could cover the event. After the insistence of the main newspapers in the country, the war was able to be covered by its journalists, among them Joel Silveira. Throughout the work, some of his reports for the journal called *O Jornal*, in the indicated period, will be analyzed, in addition to books and testimonies by the journalist, articles and research. From a conceptual point of view, we reflect on the question of memory as a tool of history.

Keywords: War journalism; Memory; War correspondent; DIP; WWII.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. A Guerra dentro da Guerra: Os correspondentes brasileiros na II Guerra Mundial...5	
2.1. Extra! Extra! Brasil Declara Guerra ao Eixo e os correspondentes arrumam as malas.	7
2.2. Os correspondentes chegam ao front	11
2.2.1. Monte Castello: a batalha decisiva.....	14
3. Vida de jornalista entre escombros da Guerra.....	19
3.1. Joel Silveira: da redação às trincheiras	20
3.2. “Vá para a guerra, mas não morra!” (COSTA, 2019, p.11).....	27
4. Joel, jornalista e a II Guerra na sua trajetória.....	33
4.1. As lembranças que vão e voltam.....	33
4.1.1. A guerra atualizada nos textos	36
4.2. “Então isto é a guerra?” (SILVEIRA, 2005, p. 27).....	39
5. Considerações finais	45
6. Referências Bibliográficas:	47

1. Introdução

Os anos 1940, no Brasil, foram marcados por acontecimentos memoráveis. Entre eles, pela sua abrangência, talvez a Segunda Guerra Mundial tenha sido a mais impactante, por ser um dos acontecimentos que mais chocaram e abalaram o mundo. Vale mencionar também que ela veio após uma sequência de eventos que foram igualmente cruéis, como a Primeira Guerra Mundial e a Crise econômica de 1929. Uma virada de chave radical e que mudou a forma de ver e pensar o mundo. No caso brasileiro, houve a imposição do governo de Getúlio Vargas em 1930, que instaurou uma das ditaduras mais longas da história do país, no século XX. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, que exercia efetivamente o controle da imprensa. Diante das dezenas de proibições, durante a guerra, vários jornais da época procuraram lutar pelo direito de cobrir as batalhas e, principalmente, para ter brasileiros presentes no *front*.

O conhecimento desse cenário turbulento de guerra e censura foi o motivador para o desenvolvimento da presente monografia que terá o intuito de apresentar uma breve análise sobre a atuação de Joel Silveira, correspondente de guerra dos “Diários Associados” de Assis Chateaubriand, através de registros de sua própria memória. Para a escolha do jornalista como personagem a ser estudado foi considerado a sua importância para o jornalismo. Silveira foi o pioneiro do jornalismo literário, no Brasil, e, além disso, tinha uma escrita excepcional que fugia das obviedades e era recheada de críticas intrínsecas a elas mesmas. Diante de seu valor do jornalista, o trabalho pretende analisar como Joel Silveira, como correspondente de guerra, repassava as notícias provindas dos campos de batalha italianos para o jornal, pelo qual trabalhava, tendo em vista a censura que enfrentava.

A escolha desse tema para monografia deveu-se também a relevância da cobertura jornalística de guerra, pois, o jornalismo, além de ser um instrumento que visa informar e desalienar a população, funciona como uma fonte histórica, segundo Ana Paula Ribeiro². A escassez de registros fez com que lacunas fossem formadas e, agora, para resgatá-las é necessário o trabalho de pesquisa.

Ainda que o Brasil tenha declarado guerra ao eixo oficialmente em 31 de agosto de 1942, o envio do primeiro escalão de soldados brasileiros, com 25.334 homens, para a Itália só ocorreu em 30 de junho de 1944. Somente em 22 de setembro, do mesmo ano, os jornalistas

² Graduada em jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

brasileiros, entre eles Joel Silveira, embarcaram. Ao longo da monografia serão analisadas as edições que foram publicadas em *O Jornal* dos “Diários Associados”, nesse período, e depoimentos do próprio Joel Silveira, presentes em seus livros de caráter memorialístico. O que aconteceu, de fato, durante as batalhas foi uma verdadeira guerra entre jornalistas e o departamento de censura, se pensarmos de forma mais simplificada. Com as políticas censórias do Estado Novo, período em que o Departamento de Imprensa e Propaganda foi criado, os jornalistas tiveram que enfrentar e lutar ao máximo para que suas reportagens fossem publicadas, para que, de alguma forma, todo suor, dor, conquistas e lágrimas que ali ocorreram não passassem em vão.

Ao longo de todo o trabalho, refletiremos, brevemente, sobre a questão teórica da memória. Analisamos também as notícias de autoria de Joel Silveira publicadas na imprensa, procurando interpretar os textos de maneira mais livre, tendo em vista a impossibilidade de realizar uma análise mais precisa, que, por exemplo, tivesse como base teórica a análise de discurso. A impossibilidade de utilização desta fundamentação teórica, decorrente das minhas próprias limitações, foi determinante para a escolha de uma análise mais livre dos textos das reportagens ao longo do trabalho.

Assim, como metodologia para o desenvolvimento da monografia, sobretudo no que se refere à análise das reportagens publicadas no jornal dos “Diários Associados” durante as batalhas em que o Brasil atuou na Segunda Guerra Mundial, faremos uma análise dos textos de maneira mais livre, mas percebendo as produções de sentido que emergem das narrativas. Por falta de um conhecimento mais amplo e profundo de questões da análise de discurso, análises narrativas e análises de conteúdo, não temos a pretensão de dizer que utilizaremos esta base teórica-metodológica. Serão análises de alguns textos esparsos, sobretudo, os que foram referidos nas biografias de Joel Silveira que terão a preponderância da análise.

A monografia será desenvolvida em três capítulos. No capítulo inicial, será realizada breve apresentação do cenário bélico em que o mundo se encontrava em meados dos anos 1940, apontando os fatos que levaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial. Após o ataque a Pearl Harbor, em 1941, o Brasil, que, até então, encontrava-se neutro, cortou de vez suas relações com a Alemanha nazista que reagiu à declaração. Em meados de 1942, navios brasileiros que estavam na costa do país foram torpedeados por submarinos alemães. Apesar da comoção logo após o ocorrido, o país só declarou guerra aos países do Eixo, no final do mesmo ano. Foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), e que levaria cerca de 25 mil soldados ao teatro de guerra europeu. Mesmo que brasileiros estivessem em campos de batalha, os jornais não tiveram permissão de enviar seus correspondentes para cobrir as ações da FEB, apenas os

da Agência Nacional (AN), uma espécie de imprensa do governo, que tinham a autorização. Dessa forma, o país era dependente da AN, que não enviava quase nenhuma informação sobre os acontecimentos. Dessa forma, houve a reivindicação dos principais jornais da época para enviarem seus próprios jornalistas, terminando por alcançar este objetivo.

Os subcapítulos intitulados “Extra! Extra! Brasil Declara Guerra ao Eixo: Os correspondentes arrumam as malas”, “Os correspondentes chegam ao front” e “Monte Castello: a batalha decisiva”, detalham aspectos da vida dos correspondentes na Guerra. A primeira abordará como o DIP foi formado e como era realizada a sua censura e como os jornalistas chegaram ao *front*. Para isso, foram utilizados trechos dos livros “O inverno da Guerra” e “Na fogueira: memórias”, de Joel Silveira, além de estudos sobre censura feitos por Helton Costa e da análise de jornais da época.

Nos subcapítulos seguintes, será abordado a chegada dos jornalistas e a atuação deles, em especial na batalha de Monte Castello, considerada uma das mais sangrentas enfrentadas pela FEB. O principal material empírico do capítulo é o livro “Crônicas de sangue: Jornalistas brasileiros na II Guerra Mundial”, além de trechos de reportagens publicados no período.

Avançando para o segundo capítulo, dividido em duas partes, a “Vida de jornalista entre escombros da Guerra” contará como Joel Silveira se tornou e se consagrou como jornalista, além de sua ida à Segunda Guerra Mundial. Começando com o título “Joel Silveira: da redação às trincheiras”, mostrará o caminho de Joel Silveira desde sua saída de Aracajú, sua cidade natal, até as redações, passando por “Dom Casmurro”, “Diretrizes” até chegar ao “O Jornal”, do “Diários Associados”. O desenvolvimento do capítulo foi feito a partir de estratos da memória de Joel Silveira presentes no livro “Na fogueira: memórias” e, como base, no estudo de Danilo Ferrari (2012) sobre a atuação de Joel Silveira na imprensa. Por último “Vá para a guerra, mas não morra!”, abordará a atuação de Joel Silveira nos campos de batalha.

No quarto capítulo “Joel, jornalista e a II Guerra na sua trajetória”, será feito um breve estudo sobre memória, com o intuito de compreender o seu uso para a produção de reportagens e a sua importância no papel da construção da história, em três subcapítulos. No primeiro, “As lembranças que vão e voltam”, será debatido, de forma breve, a questão teórica da memória. Para a realização desta etapa, serão apresentadas breves reflexões sobre o campo de estudos sobre memória, sobretudo, a partir de Micael Pollak e Aleida Assmann.

No subcapítulo seguinte, “A guerra atualizada nos seus textos”, será feita a análise de como Joel Silveira noticiou a campanha da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.), na Itália, na Segunda Guerra Mundial. Foram escolhidos trechos de seu livro “O inverno da guerra”, artigos sobre sua atuação e entrevistas que realizou.

Para fechar o capítulo, “Então isto é a guerra?”, mais uma vez o foco é a experiência do jornalista na Segunda Guerra Mundial. Seguindo a mesma lógica de pesquisa do tópico anterior, a análise utilizará sobretudo sua obra “O inverno da guerra”. Além da seleção de reportagens que produziu no front, os textos memorialísticos de Silveira produzem reflexões do próprio jornalista sobre a guerra a partir de suas lembranças.

Dessa forma, o trabalho realizado para a confecção desta monografia propõe, de forma sucinta, reflexões a respeito da atuação da correspondência de guerra e dar um novo olhar e significado para o jornalismo. Além de contribuir ainda mais com a história por meio das memórias coletadas do emblemático Joel Silveira e publicadas nos periódicos em que atuou. Em especial durante a Segunda Guerra Mundial, período selecionado para o estudo.

2. A GUERRA DENTRO DA GUERRA: OS CORRESPONDENTES BRASILEIROS NA II GUERRA MUNDIAL

O capítulo tem por objetivo mostrar a atuação dos correspondentes na II Guerra Mundial. De início, apresentamos a maneira como a cobertura jornalística sobre a batalha de Monte Castello, na Itália, foi realizada por alguns dos principais jornais brasileiros tendo em vista a censura feita pelo D.I.P. (Departamento de Imprensa e Propaganda) do governo Vargas. Considerada como uma das principais e mais sangrentas batalhas enfrentadas pela Força Expedicionária Brasileira (FEB), ela durou de 24 de novembro de 1944 até 21 de fevereiro de 1945, deixando um elevado número de baixas nesse período. No decorrer do capítulo serão referenciadas as notícias e depoimentos dos correspondentes de guerra Joel Silveira (*Diários Associados*), Henry Bagley (*Associated Press*), Rubem Braga (*Diário Carioca*), Raul Brandão (*Correio da Manhã*) e Egydio Squeff (*O Globo*) presentes no *front* de batalha. O objetivo é apresentar, genericamente, a atuação dos correspondentes que foram à II Guerra Mundial para cobrir esta espécie de acontecimento emblema do século XX.

Inicialmente vamos contextualizar brevemente os anos 1942 a 1944, marcados por decisões e acontecimentos cruciais para a mudança de rumo da história brasileira e do jornalismo nacional. Para tanto usaremos as reflexões e os dados que desenvolvemos inicialmente para o artigo apresentado no VI Encontro Regional Sudeste de História da Mídia³. No texto explicamos, ao caracterizar o período do governo de Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo (1937-1945), marcado pelo autoritarismo e pela forte censura feita pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), as razões de o Brasil ter participado da guerra. Sem muito aprofundamento, podemos dizer que a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) estourou e o mundo ficou dividido entre os países do Eixo⁴ e os dos Aliados⁵. Como o Brasil, no princípio da guerra, tinha relações diplomáticas com Estados Unidos e Alemanha, Vargas, preferiu não se manifestar até que algo drástico acontecesse.

Perante a escassez das barganhas devido à guerra que ocorria na Europa e considerando os acordos firmados nas conferências feitas em Lima (1938), no Panamá (1939) e em Havana (1940), o Brasil se aproximou cada vez mais dos Aliados, ou seja, dos norte-americanos. Além disso, o governo, por interesse, também procurou financiamento por parte dos Estados Unidos para, entre outras coisas, reequipar e modernizar as forças armadas. Em troca emprestaria as bases aéreas do Nordeste. O acordo só foi concluído logo após a invasão

³ Originalmente o trabalho intitulado “A Guerra dentro da Guerra: Luta dos correspondentes em Monte Castello” foi apresentado no congresso ALCAR Sudeste 2020 e posteriormente, publicado nos Anais do Congresso.

⁴ Alemanha, Itália (até 1943) e Japão.

⁵ Estados Unidos (a partir de 1941), União Soviética, França e Inglaterra.

que os americanos sofreram na base aérea de Pearl Harbor, em 1941. (KNACK, 2020, p. 2)

Diante do ataque a Pearl Harbor, o Brasil cortou laços diplomáticos com a Alemanha nazista em 18 de janeiro de 1942. Entretanto, com essa atitude, pouco tempo depois, navios mercantes na costa do Brasil sofreram torpedamentos de submarinos do Eixo, causando centenas de mortes. Com os acontecimentos, o sentimento de revolta tomou as populações civil e militar, que se manifestaram em prol de uma atitude que modificasse a situação. Depois de inúmeros protestos, no dia 31 de agosto de 1942 o Brasil, finalmente, declara guerra ao Eixo. Foi a partir desses acontecimentos que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) surge.

Figura 1 - “Correio da Manhã”, 1 de setembro de 1942.



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional⁶.

Pouco menos de um ano após este apelo generalizado a Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada. Dos 100 mil soldados que seriam encaminhados para o norte da Itália pela FEB, 25.334 foram enviados com o objetivo de acabar com a chamada Linha Gótica⁷. Mesmo

⁶ Imagem da capa do jornal “Correio da Manhã”, n. 14672, 1 set. 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pagfis=13368>. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

⁷ Uma das últimas barreiras formada por batalhões do Eixo na Itália. Monte Castello era um dos pontos principais desta linha.

que em número menor e com grandes dificuldades, isso não os abalou e lutaram bravamente pelo país.

2.1. Extra! Extra! Brasil Declara Guerra ao Eixo e os correspondentes arrumam as malas.

Após a breve explicação da entrada do Brasil no teatro de guerra, abordada no item anterior, cabe apresentar os jornalistas que foram enviados a Itália para a cobertura internacional, tornando-se, desta forma, espécies de “testemunhas oculares da história”⁸. Juntamente com soldados, enviados no segundo e no terceiro grupos, foram os correspondentes de guerra que desembarcaram em terras italianas. Ao todo foram 11, dos principais jornais do país, tais como *O Globo*, diversos órgãos da cadeia Diários Associados, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca* e da agência noticiosa Associated Press. Foram esses jornalistas que relataram praticamente tudo - “praticamente”, pois havia o órgão da censura presente no *front* - que vivenciaram ao longo das batalhas, entre elas a de Monte Castello, escolhida como foco do artigo apresentado no seminário. Dessa forma, deixaram viva na memória as histórias daqueles que lutaram pela liberdade (KNACK, 2020).

Como havia soldados brasileiros em campos de batalha europeus, seria importante enviar correspondentes de guerra para que a população ficasse a par de toda a situação e, sobretudo, para a inclusão de um olhar cultural mais próximo do público brasileiro, que acompanhava com enorme interesse a guerra de mudaria a face do século XX. Entretanto, devido à forte censura exercida pelo DIP isso não aconteceu como esperado.

Em suas memórias, Joel Silveira deixa bem claro a opinião do governo a respeito do envio de correspondentes dos jornais: “Pouca gente sabe disso, mas fato é que o governo da época (a ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas) não queria de forma alguma que os jornais enviassem à Itália seus próprios correspondentes” (SILVEIRA, 2005, p.16). Ele ressalta que o ministro da Guerra, o general Eurico Dutra “achava que eles só iriam atrapalhar – e, ‘além do mais, os jornalistas indicados eram contrários ao governo” (SILVEIRA, 2005, p.16). Não foi diferente da opinião de Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Na época, Fontes afirmou ainda “que seu departamento, que controlava a Agência Nacional, podia dar contas perfeitamente do recado” (SILVEIRA, 2005, p.16).

⁸ A expressão foi amplamente utilizada no jornalismo, inclusive como slogan de jornais do século XX. Foi, por exemplo, o slogan do lendário Repórter Esso da antiga Rede Tupi de Televisão e foi utilizado em campanhas de jornais diários, como o jornal *O Globo*. (RIBEIRO, 2000, p.25-44).

Inicialmente, junto com o primeiro escalão de soldados da FEB, somente jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas da Agência Nacional foram enviados. Entre eles o fotógrafo Thassilo Mitke e os correspondentes Silvio Fonseca e Abelardo Cunha e, dessa forma, a cobertura inicial foi feita apenas por eles. Com isso, eram obrigados a aceitarem as informações enviadas pela DIP, que, de fato, não chegavam. É importante mencionar, também, que as ações do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) começou bem antes da declaração de guerra do Brasil⁹. Mais precisamente em 1939, coincidentemente com o início da guerra na Europa. O órgão tinha a função de promover e exaltar o governo Vargas e para evitar críticas que colocassem o governo em ameaça, eles censuravam os veículos de comunicação, como podemos observar em jornais da época e, ainda, nas memórias de Joel Silveira, quando trabalhava no jornal *Dom Casmurro*.

Pode-se dizer que entre o final dos anos 30 e início dos anos 40 foi transformador para o desenvolvimento do jornalismo brasileiro. Diante do golpe do estado Novo em 10 de novembro de 1937, os jornais tiveram que se reinventar para continuar existindo, pois, junto com o novo governo vieram coibições, entre elas a censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Criado com o intuito de evitar que os periódicos difamassem a figura de Vargas ou expusessem os reais objetivos do governo, o DIP surgiu após uma cadeia de departamentos criados a partir de 1931, ano seguinte ao da posse de Vargas.

Após 1930, o governo viu necessário dar os primeiros passos para a imposição do novo plano de governo, com isso foi criado em julho daquele ano o Departamento Oficial de Publicidade (DOP). Vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, atuava no setor de radiodifusão e enviava informações para a imprensa. Anos depois, em 1934, com o intuito de expandir a atuação em outros meios de comunicação, foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), que controlava a imprensa nacional, a rádio, o cinema e setores da cultura. Ademais, a figura de Lourival Fontes torna-se conhecida nesse momento ao assumir a direção geral do departamento. Com o golpe do Estado Novo, em 1937, novas obrigações começaram a ser incorporadas ao DPDC e, em 1938, passou a ser chamado de Departamento Nacional de Propaganda (DNP), o qual cabia impor a censura em todos os meios de comunicação. Nesse momento, o departamento tinha como objetivo principal promover a imagem do Brasil para fora do país e em contrapartida, qualquer revista, rádio ou jornal estrangeiro foi proibido de circular no país. Para ter um controle maior sobre a imprensa, Vargas, por meio do Decreto-

⁹ Sobre o DIP, cf. entre outros FGV-CPDOC, verbete DIP. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

Lei nº300¹⁰, isentava a tarifa alfandegária sobre a importação do papel somente para os jornais que cumprissem com as restrições impostas. Segundo Garcia (1999), como as tarifas eram altas “aos jornais que deixassem de colaborar com o governo, era cortada a cota ou suspensa a isenção alfandegária” (p.160). Com isso, vários periódicos deixariam de circular e tiraria a informação da população. No ano seguinte o DIP foi criado.

A partir de agora, cabia ao DIP ditar as regras, dizer o que devia ou não ser publicado e irradiado, censurar, suspender ou mesmo fechar em caráter definitivo os jornais, revistas e estações de rádio, qualquer um que ‘passasse dos limites’. De um modo abrangente, ‘passar dos limites’ era falar mal do novo regime e particularmente de Getúlio; e também *não falar bem*, que no caso já era considerado oposição – a neutralidade ou indiferença eram tidas como suspeitas. (SILVEIRA, 1998, p. 177, grifos do autor).

Figura 2 - *Diário Carioca*, 18 de agosto de 1942



Fonte: Montagem feita pela autora¹¹

¹⁰ Sobre o DIP, cf. entre outros FGV-CPDOC, verbete DIP. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

¹¹ Montagem feita a partir da imagem da capa do jornal “Diário Carioca”, n. 04347, 18 ago. 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_03&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=11158>. Acesso em: 18 de dez de 2022.

O jornal acima é um exemplo de como o DIP atuava. No caso é mostrada uma notícia enviada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda sobre um dos ataques dos submarinos do Eixo a navios mercantes brasileiros e que foi publicada no jornal *Diário Carioca*. O DIP, para evitar que os jornais fizessem crítica ao governo, produziu a matéria, distribuindo-a aos periódicos.

(...) o DIP possui a maior estrutura de controle e difusão da informação, tendo como principais frentes de atuação os setores de divulgação, radiodifusão, teatro, cinema, turismo e imprensa. Desse modo, através do DIP era realizada a propaganda nacional, dentro e fora do país, auxiliando a divulgação das ações governamentais, uniformizando as notícias e, de certo modo, criando um monopólio acerca das informações sobre o Brasil. Outra atividade importante do DIP foi a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da literatura, da imprensa e da radiodifusão. Através dela buscava-se que as informações e narrativas sobre o país e seu povo estivessem de acordo com os princípios instituídos pelo Estado Novo¹²

Diante da censura feita pelo DIP e com a informação de que mais dois grupos de soldados ainda seriam mandados para o *front*, os donos dos principais jornais do Brasil, na época, Roberto Marinho (*O Globo*), Assis Chateaubriand (Diários Associados) e Paulo Bittencourt (*Correio da Manhã*), se reuniram, um mês antes e foram negociar um acordo de forma a que a mudar o fluxo da informação sobre a guerra. “Haviam combinado por telefone que ou o DIP deixava ir correspondentes com o segundo e o terceiro escalão, ou nem mesmo os releases¹¹ saíam, uma espécie de pacto de silêncio sobre a FEB” (COSTA, 2019, p. 9).

Depois disso e do ultimato que lançaram - “Ou mandamos nossos próprios correspondentes ou não publicamos nada do DIP referente à FEB. Usaremos apenas o serviço das agências internacionais” (SILVEIRA, 2005, p.17) – o DIP autorizou o envio de correspondentes, contudo, eles teriam que ser aprovados na pré-seleção feita pelos chefes do órgão censor. Assim, os jornalistas foram selecionados. O jornal *O Globo* convocou Egydio Squeff, na época com 33 anos, era reconhecido por sua experiência e ótimo desempenho como jornalista. O jornal *Diários Associados* chamou Carlos Lacerda, mas como este não era visto com bons olhos pelo governo Vargas, logo, convidaram, para substituir Lacerda, o jornalista Joel Silveira, então com 26 anos. Paulo Bittencourt do *Correio da Manhã* convocou Raul Brandão, 53 anos e experiente em cobertura de guerra. Já o *Diário Carioca* chamou Rubem Braga, com 31 anos, que, mesmo não se dando tão bem com o governo, foi convocado devido a sua experiência em cobrir conflitos urbanos, como a Revolução Constitucionalista de 1932,

¹² Disponível em: <<https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>>. Acesso em: 23 out. 2022.

em São Paulo e em Minas Gerais. A foto que reproduzimos a seguir mostra os jornalistas escolhidos para cobrir a guerra na Itália

Figura 3 - “Jornalistas”



Fonte: Jornal Opção¹³

Da esquerda para direita, de pé, estão Rubem Braga, do *Diário Carioca*; Frank Norall, da Coordenação de Assuntos Interamericanos; Thassilo Mitke, da Agência Nacional; Henry Bagley, da Associated Press; Raul Brandão, do *Correio da Manhã*; e Horácio Gusmão Coelho, fotógrafo da FEB. Ajoelhados pode-se ver Allan Fisher (autor da foto), fotógrafo da Coordenação de Assuntos Interamericanos; Egydio Squeff, de *O Globo*; e Fernando Stamato, cinegrafista. E, por último, sentado, identifica-se Joel Silveira, dos Diários Associados.

2.2. Os correspondentes chegam ao front

Despreparados para as infelicidades da guerra e sem qualquer noção básica de defesa, como os jornalistas norte-americanos e britânicos tiveram, os correspondentes brasileiros embarcaram no dia 22 de setembro de 1944, juntamente aos soldados da FEB, chegando ao seu destino 17 dias depois. A viagem não foi das melhores para os jornalistas, como descreve o autor Helton Costa (2019), mas alguns deles tiveram a sorte de ter as regalias dos oficiais, como Joel Silveira e Egydio. Menor sorte tiveram outros jornalistas, como Rubem Braga, que

¹³ Disponível em:

<<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/livro-resgata-a-historia-de-reporteres-brasileiros-que-cobriram-a-2a-guerra-mundial-177442/>>. Acesso em: 18 de dez de 2022.

embarcou com os soldados, onde não existiam as tais mordomias.

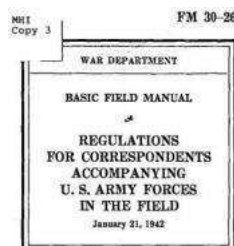
Figura 4 - “Embarque da FEB rumo a II Guerra Mundial”



Fonte: Site Só História ¹⁴

Quando chegaram ao destino, os jornalistas receberam ordens de como seria feita a entrega do material apurado. Além da censura imposta pelo DIP para a imprensa, havia outra dentro dos campos de batalha, o chamado “Regulamento para correspondentes acompanhando o exército dos Estados Unidos em campo”. Com isso, haveria uma dupla censura.

Figura 5 - Regulamentos para Correspondentes acompanhando o Exército dos Estados Unidos em Campo



Including G. O. 10 April 1942; G. O. 11 Feb. 1942; and G. O. 10 December 1941.
 Note: This is not a revision. No material outside the above changes to the 11 January 1942 edition should be made. The above original text and all will not be used in subsequent printing and editions.

Fonte: COSTA, 2017, p. 6.

Helton Costa (2019) detalha as ameaças que pairavam sobre os correspondentes, como

¹⁴ Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/segundaguerrabr/>>. Acesso em: 20 de dez. de 2022.

no caso de capturados serem considerados prisioneiros de guerra.

Os correspondentes respondiam à lei militar da época e se capturados pelos inimigos, deveriam ser tratados como prisioneiros de guerra, conforme a Convenção de Genebra de 1929. Deveriam manter o “decoro” e não podiam comandar, porém poderiam contar com alguns direitos iguais aos dos soldados e às vezes até melhores, como acomodações, transporte, atendimento médico e facilitação para o envio de mensagens, tudo pago pelo Governo. [...] A censura certificava-se de que a declaração estivesse correta, bem como as implicações desta, se não estava fornecendo algum tipo de injúria contra a moral de pessoas, forças ou aliados e se não era embaraçosa aos Estados Unidos, seus aliados ou países neutros (p. 07).” (COSTA, Helton, 2019, p. 1-2 e p. 19).

Figura 6 - “Em algum lugar”



Fonte: Acervo O Globo¹⁵

Ainda sobre a censura, Garcia (1999)¹⁶ afirma que durante a Segunda Guerra Mundial, no início somente eram permitidas notas breves, relativas a comunicados oficiais, já que até então, o país declarava-se neutro. Com a declaração de guerra ao Eixo, “a censura liberou comentários favoráveis aos aliados, limitando-se a cercear informações inerentes às

¹⁵ Na legenda indicada na imagem, que está presente na edição n. 3 do *O Globo Expedicionário*, 1944, p.1 fica clara a atuação do DIP, pois não há a menção do lugar em que a foto foi tirada. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-globo-expedicionario-se-despede-com-noticias-de-democracia-prestes-filmes-16239133>. Acesso em 20 dez. de 2022.

¹⁶ Em referência a obra de Marcondes Filho, “Trabalhadores do Brasil”, p. 84 e 223.

necessidades de sigilo militar, proibindo referências a combates, batalhas, viagens, acordos militares, movimentos de tropas, navios e aviões militares, boletins meteorológicos etc.” (GARCIA 1999, p.163).

2.2.1. Monte Castello: a batalha decisiva

Durante o tempo em que estiveram na Itália, o momento mais sanguento e que certamente ficou marcado de maneira expressiva na memória de Joel Silveira foi a tomada de Monte Castello, na Itália, em 24 de novembro de 1944. Uma das batalhas mais trágicas que FEB enfrentou estava para começar e poucos sabem a versão completa do ocorrido, já o Departamento de Imprensa e Propaganda não permitia falar das derrotas brasileiras.

Figura 7 - “Soldados brasileiros em Monte Castello”



Fonte: Casa Militar¹⁷

Ao todo foram cinco tentativas de ataque na batalha de Monte Castello. A primeira, em 24 de novembro de 1944, como destacamos anteriormente. Nesta os brasileiros atuaram junto a Task Force 45, americana, e foi um insucesso. Os alemães já tinham conhecimento do local e, além disso, devido ao fato de Monte Castello ter 900 metros, os soldados tiveram dificuldades em subir. Ademais, o que também fez o Brasil perder na primeira tentativa foi a ausência da FAB (Força Aérea Brasileira), pois o tempo estava desfavorável para ataques aéreos. No dia

¹⁷ Disponível em: <<http://www.casamilitar.gov.br/not%C3%ADcias/226-tomada-de-monte-castelo.html>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

seguinte tentaram atacar outra vez e novamente foram rechaçados.

O terceiro ataque, no dia 29, foi catastrófico, a pior de todas as tentativas. Às exatas 7 horas da manhã soldados comandaram o ataque e avançaram de novo no território de Monte Castello. Mais uma vez o tempo não estava favorável e com isso subir devido a lama. A FAB mais uma vez não pode estar presente. Os brasileiros, ainda que tivessem avançado consideravelmente, sofreram um forte ataque do Eixo, o que os fez recuar. Ao todo foram 190 baixas da FEB e no lado inimigo foram três mortos e nove feridos (DONATO, 1987, p. 366).

Dos correspondentes enviados, apenas Rubem Braga, Henry Bagley e Raul Brandão, que assinava suas matérias com o nome de “Veterano”, estavam presentes nos primeiros dias da batalha de Monte Castello e, ainda assim, não tiveram permissão do DIP para publicar suas matérias, uma vez que não houve vitória brasileira. De acordo com Helton Costa (2019), Rubem Braga elaborou um texto com mais de 20 páginas, que não pode ser publicado devido a censura.

Nem o tempo colaborou e quando os repórteres tentaram botar no papel as críticas que tinham, foi melhor fingir que nunca tinham visto nada, escrevendo sobre qualquer outra coisa. Rubem deixa isso claro no rodapé da página 56 do livro ‘Crônicas de guerra na Itália’, no qual conta que se pretendia fazer propaganda com aquele combate, já que nas duas outras vezes foram os estadunidenses quem comandavam e naquela ocasião era um brasileiro. A ideia falhou (COSTA, 2019, p.31).

No dia 12 de dezembro ocorreu a penúltima batalha, também uma derrota e que deixou um elevado número de baixas, 140 no total (DONATO, 1987, p. 367). Nesse dia não houve nenhuma cobertura dos correspondentes: “a desculpa do Comando para não arranjar carona para os jornalistas era de que não havia nenhuma novidade.” (COSTA, 2019, p. 34). Entretanto, pesquisando nos jornais da época, pode-se encontrar aqui e ali referência a esta batalha, como espécies de brechas narrativas que escaparam da censura imposta pelo DIP. “No momento em que escrevo, terminou a intensa e ininterrupta batalha que se vinha travando entre brasileiros e germânicos desde o alvorecer pela posse de Monte Castelo. (...) O objetivo, terminada a batalha, estava reduzido a ruínas).¹⁸

21 de fevereiro de 1945, a data da tão esperada vitória brasileira na batalha de Monte Castello. Dessa vez a FEB pode contar com a atuação da FAB, já que o tempo estava favorável para o tráfego aéreo, além dela houve a atuação da 10ª Divisão de Montanha americana. Segundo Silveira, a vitória aconteceu 17h50, como ele narra em seu livro *O inverno da guerra*:

¹⁸ SQUEFF, Egydio. O Globo, 23 fev. 1945, p.1. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=194019450224C&edicao=Matutina>>. Acesso em: 23 out. 2022.

Às 17h50 a voz do major Franklin vem, forte, pelo rádio: “Estou no cume de Monte Castelo.” E pede fogo da Artilharia\ sobre posições inimigas além do monte. “Castello é nosso”, me diz o general Cordeiro. Mais alguns minutos, e nossas baterias já estão bombardeando Caselina, Serra e Bela Vista. Os alemães respondem com morteiros. Mas nada mais lhes adiantaria, porque, como me diria na manhã seguinte o coronel Franklin, “estamos em Castelo e ninguém mais nos tira daqui”. (SILVEIRA, 2005, p. 98).

Joel Silveira, como comentado no capítulo, não estava presente nos primeiros dias da batalha, mas estava no dia da vitória, a tomada de Monte Castello, junto com Henry Bagley e Egydio Squeeff. Joel e Henry, estavam no Posto de Observação. Já o terceiro correspondente, estava cobrindo tudo a partir de uma trincheira.

No dia 20 de fevereiro de 1945, véspera da tomada de Monte Castello, eu estava de viagem marcada para Roma. Havia mais de 15 dias que estava ali em Porreta-Terme, no Quartel-general Avançado da FEB, à espera de algum acontecimento importante, que o faro do repórter sentia no ar. [...] No dia seguinte, 21, os pracinhas brasileiros iriam conquistar definitivamente Monte Castello, pesadelo maior da FEB. Eu estava lá e conto como foi – do princípio ao fim. (SILVEIRA, 2005, p. 93)

De fato, ele narrou a batalha por inteiro, indicando, com sua escrita mais literária, a hora de cada acontecimento. Posteriormente, ao escrever sobre a vitória brasileira, Joel Silveira realizou uma série de entrevistas. Além de Silveira, Egydio, Frank Norall e Alan Fisher também fizeram o mesmo. Dos quatro, Squeeff fez questão de pôr a indignação dos pracinhas em relação ao desrespeito dos alemães aos falecidos. “Ele escreveu sobre a raiva e a revolta dos homens ao perceber que os alemães tinham deixado os corpos ao relento, sem enterrar e terem colocado minas em alguns dos defuntos. Eles faziam isso em corpos de soldados brasileiros e, também, em corpos alemães” (COSTA, 2019, p. 45). Cabe uma menção particular ao trabalho de Egydio na edição especial do jornal *O Globo* para os pracinhas que estavam na Itália: *O Globo Expedicionário* (1944-1945). Foram 37 edições publicadas e que detalhavam o *front* para o Brasil, numa multiplicidade temática que incluía da política ao esporte, além da publicação das tiras em quadrinhos do *Zé Carioca*. Mensagens de parentes e amigos dos pracinhas se sucediam também nos números do *O Globo Expedicionário*. Além do jornal especial editado pelo Globo, existiam outros nos campos de batalha, como “*Cruzeiro do Sul*”, “*Zé Carioca*” e “*E a Cobra Fumou*”.

Figura 8 - “Pracinha lendo a primeira edição do jornal O Globo Expedicionário”



Fonte: Acervo O Globo¹⁹

Depois da vitória em Monte Castelo, a notícia repercutiu nos jornais por vários dias, como podemos observar nos exemplos do Diário Carioca de 24 e 27 de fevereiro de 1945:

Figura 11 - “Diário Carioca, 24 de fevereiro de 1945”.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional²⁰

Figura 12 - “Diário Carioca, 27 de fevereiro de 1945”



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional²¹

¹⁹ Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/o-globo-expedicionario-na-guerra-16381660>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022.

²⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_03&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=19757>. Acesso em: 18 de dez de 2022.

²¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_03&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=19787>. Acesso em: 18 de dez de 2022.

Como observamos ao longo do capítulo, reeditando memórias de jornalistas e impressões dos campos de batalha, o trabalho dos jornalistas como correspondentes de guerra em pleno Estado Novo não era uma tarefa fácil. Suas matérias estavam permanentemente submetidas a toda a sorte de censura, fazendo, com que, por exemplo, as derrotas jamais pudessem ser noticiadas. Estavam também submetidos aos perigos da guerra, as dificuldades nos campos de batalha, a toda sorte de infortúnio. Mas, certamente, para os jornalistas o maior entrave era a falta de possibilidade de contar histórias, impedidos pela inexistência da liberdade.

Assim, produziu-se lacunas que atravessam os tempos e se tornam evidentes do passado até o presente. A escassa quantidade de registros sobre a campanha brasileira na Segunda Guerra Mundial, que se reflete na produção dos jornalistas que estiveram no campo de batalha evidencia os resultados produzidos pela censura. Além disso, é preciso destacar que a própria memória histórica do país foi, em certo sentido, obliterada, já que, segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, o jornalismo exerce papel fundamental na própria ideia de história que produzimos.

O jornalismo exerce um papel crucial na produção de uma ideia de história, não só porque indica aqueles que, dentre todos os fatos da realidade, devem ser memoráveis no futuro (ou seja, aqueles que teriam relevância histórica), mas também porque se constitui ele mesmo em um dos principais registros ‘objetivos’ do seu tempo. [...] O jornalismo não só retrata a realidade e as suas transformações, mas também as registra e as deixa como legado às sociedades futuras. A mídia é a *testemunha ocular da história* (RIBEIRO, 2000, p. 72).

Embora a censura tenha barrado grande quantidade de informações, o que foi coletado pelos correspondentes foi peça chave para a comunicação na época, além de contribuir formação de traços duradouros sobre uma memória da ação dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial. A luta não foi apenas nos campos de batalha, foi também nas salas de redação ou na ação improvisada e de resistência produzida pelos jornalistas nos campos de batalha. O DIP não poupou esforços para censurar as reportagens, transformando a ação dos jornalistas numa verdadeira guerra dentro da guerra.

3. VIDA DE JORNALISTA ENTRE ESCOMBROS DA GUERRA.

O capítulo a seguir terá como objetivo abordar, de forma cronológica, uma breve biografia de Joel Silveira jornalista e sua atuação como correspondente de guerra, enviado para cobrir as ações realizadas pelas Força Expedicionária Brasileira (FEB) em campos de batalha italianos durante os momentos finais da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Jornalista renomado, a escolha desse personagem, dentre tantos outros nomes mencionados no capítulo anterior, deve-se, sobretudo, por ter se constituído como espécie de síntese do ser jornalista num período histórico preciso: aquele que antecede as reformas do jornalismo da década de 1945. Jornalista de guerra no período imediatamente a acirramento dos processos de modernização na imprensa brasileira, atuava num duplo mundo: o do jornalismo antes da década de 1950 e o que se segue, marcado pelo slogan da modernização (RIBEIRO, 2000)²².

Na primeira parte denominada “Joel Silveira: da redação às trincheiras” contextualizamos os primeiros anos de Joel Silveira como jornalista. Neste primeiro momento será descrita a sua experiência a partir de suas memórias, extraídas de entrevistas que realizou ou ainda presentes em seus livros memorialísticos e que foram selecionados para a realização desta monografia. Desta forma priorizamos o livro “Na Fogueira”, que percorre o período em que trabalhou no periódico literário *Dom Casmurro* (1937-1946), sob direção de Brício de Abreu e que tinha como redator-chefe Álvaro Moreyra, e na revista *Diretrizes* (1938-1944), de Samuel Weiner e Azevedo Amaral. Segundo Ferrari (2012), tais periódicos foram essenciais para a sua formação e consagração como jornalista.

Na parte final do capítulo, “Vá para a guerra, mas não morra!”, seguindo a ordem cronológica, será descrita a sua atuação como correspondente de guerra pelo *O Jornal dos Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, em meio a censura imposta pelos Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P), do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945). A sua experiência como jornalista na guerra marcou a toda a sua trajetória de vida. Ao todo foram dezenas as aparições no *O Jornal* (1924-1974)²³ dos *Diários Associados*, publicadas meses depois de começar a datilografar suas primeiras impressões a bordo do navio que o levou para Nápoles, na Itália. Suas reportagens, escritas como um diário de bordo, tinham não só o objetivo de informar o que estava acontecendo na II Guerra Mundial, como trazer um olhar mais literário e menos factual para os acontecimentos.

²² Sobre os processos de modernização do jornalismo brasileiro nos anos 1950/60 cf. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

²³ Sobre “O Jornal”. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-jornal/>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

Figura 13: Joel Silveira.



Fonte: Arquivo Nacional²⁴

Joel Silveira tinha apenas 26 anos quando foi enviado para cobrir a campanha da FEB, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Um jovem que, como centenas de outros que ali estiveram, teve a sua juventude roubada pela guerra. Como ele mesmo disse em seu livro “O inverno da guerra”: “[...] cheguei à Itália com 26 anos e voltei com 40 anos, embora lá ficasse um pouco mais de oito meses” (SILVEIRA, 2005, p. 20).

3.1. Joel Silveira: da redação às trincheiras

Vindo de Aracaju, Joel Silveira chegou ao Rio de Janeiro em 13 de fevereiro de 1937 decidido a cursar direito na Faculdade Nacional de Direito no centro da cidade. Entretanto nunca completou o curso. “Ali estava o Rio tantas vezes sonhado e desejado e aqui estava eu, suado da cabeça aos pés, estranhando não sentir no rosto a carícia de uma só brisa, uma só lufada, tão constantes em Aracaju” (SILVEIRA, 1998, p. 52).

Jovem e com apenas alguns contos de réis provindos de seu pai, Silveira foi em busca de um emprego para sustentar sua estadia no Rio. Seu primeiro trabalho foi como datilógrafo de Vincente Calamelli, editor-chefe da *Revista Ferroviária*, homem de muitos contatos, entre

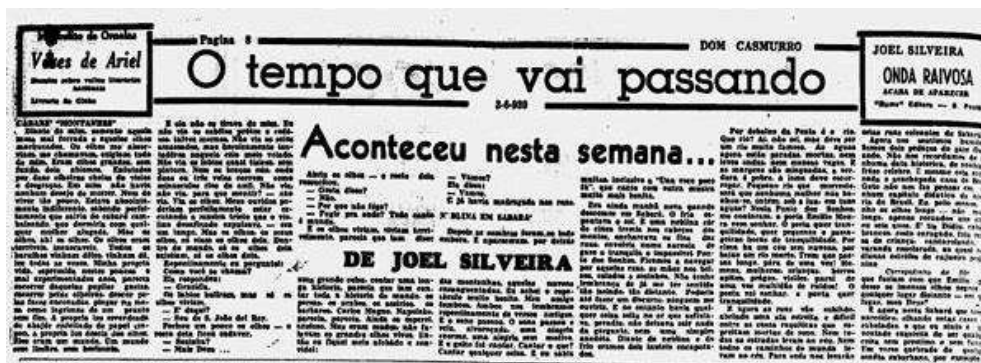
²⁴ Foto tirada por Mitke, fotógrafo da Agência Nacional, durante a campanha da FEB na Itália na Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1514987&v_abas=1>. Acesso em: 23 out. 2022.

eles o jornalista Escragnolle Taunay, então diretor-supervisor das publicações do “complexo jornalístico capitaneado pelo diário “A Noite”, e do qual faziam parte as revistas *Vamos Ler*, *Carioca* e *A Noite Ilustrada*”. (SILVEIRA, 1998, p.89). Foi a partir desse contato que Joel Silveira teve sua primeira história publicada e, posteriormente, outras colaborações. O texto fora extraído de um livreto de 30 páginas chamado “Desespero” que Joel Silveira escreveu, em 1936, quando ainda estava em Aracajú, e que o fez tirar o primeiro lugar em um concurso literário de sua cidade. Foram divulgadas as páginas iniciais.

Abri a revista, o coração aos pulos, e lá estava, nas páginas iniciais, a minha história com a ilustração de Jerônimo Monteiro. DESESPERO. E logo em baixo um *Joel Silveira* em tipo menor, mas ainda bem graúdo, dentro de um retângulo de 10 por 2 centímetros – estou sendo preciso nestes detalhes porque ainda hoje guardo comigo um exemplar daquela edição do “Vamos Ler”, uma das poucas relíquias pessoais que me restam daquele tempo já tão remoto (SILVEIRA, 1998, p. 91, grifos do autor).

Pouco depois Joel Silveira já estava publicando no periódico *Dom Casmurro*, cujo nome fazia referência ao título de uma das maiores obras da literatura brasileira de mesmo título²⁵. O jornal semanal de tom literário, fundado em maio de 1937, por Brício de Abreu e Álvaro Moreyra, contou com nomes de ilustres escritores como Jorge Amado, Joracy Camargo e Franklin de Oliveira. Nele, onde ficou até 1940, Silveira publicou grandes reportagens e, além disso, contribuiu com a seção “Aconteceu nesta Semana”, onde comentava os fatos da semana que envolviam diversos assuntos, entre eles a política.

Figura 14: “Aconteceu nesta semana...”



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional²⁶

²⁵ De acordo com Ferrari (2012), para os criadores, a escolha se deve em conta ao caráter crítico e irônico com que escreviam no jornal, bem como, o personagem machadiano. (p.63).

²⁶ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095605&pagfis=399>>. Acesso em: 22 out. 2022.

Foi durante seu trabalho em *Dom Casmurro* que Silveira viu as primeiras ações do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Uma das várias ações do órgão censor do Estado Novo era fazer ligações para os jornais informando, por exemplo, o que não deveria ser publicado.

Mas não era apenas material jornalístico o que recebíamos diariamente do DIP, mas também advertências, avisos, determinações e até sugestões. A coisa se passava assim: diariamente, às vezes pela manhã, bem cedo, às vezes pela tarde, o telefone tocava na redação e do outro lado nos chegava a voz melosa falsamente coloquial e sempre anônima – quem telefonava não tinha identidade, era o DIP. (SILVEIRA, 1998, p. 183)

De forma indireta os jornais acabavam descobrindo o que estava acontecendo e que a censura, chefiada por Lourival Fontes, não queria que fosse do conhecimento da população. Vale mencionar que as proibições não chegavam apenas pelas ligações, mas também através de um “confrade” da Agência Nacional que aparecia no jornal para escrever um artigo, por exemplo.

- Sr. Silveira, por favor, avise ao Dr. Brício, com quem não conseguimos falar, que nada, absolutamente nada (e aqui a voz se escandia), sobre o encontro ontem à noite do presidente Vargas com o embaixador alemão, Enviaremos depois uma foto com texto-legenda. (SILVEIRA, 1998, p.184).

Figura 15: Jornal “Dom Casmurro”



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional²⁷

Joel Silveira relatou ainda em seu livro de memórias que o DIP também controlava a importação de papel, bem como fazia a DNP. Sem o insumo seria impossível publicar uma

²⁷ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095605&pagfis=226>>. Acesso em: 22 out. 2022.

matéria ou um artigo, em um jornal ou revista. “Controlando a importação de papel que vinha da Finlândia e do Canadá, o DIP também e atribuía a prerrogativa de distribuir as bobinas, ou “cotas”, de que necessitavam diária ou semanalmente jornais e revistas” (SILVEIRA, 1998, p. 177). Funcionava com uma espécie de Imprensa no “cabresto”, como Silveira classificou. Se os veículos de comunicação cumprissem com o que era imposto, tudo ficaria bem e ainda receberiam contribuições da Agência Nacional que sempre tinha uma notícia relacionada ao dia a dia do governo. Ademais, segundo Salgado (2009, p.40), “indo mais além, jornalistas que se mostravam simpáticos ao regime recebiam isenção de impostos e prioridade na publicação de anúncios de campanhas do governo e no recebimento de empréstimos pelo Banco do Brasil”. Dentre os jornais que apoiavam o governo de Vargas, temos o *O Jornal*, a partir de 10 de novembro de 1937, quando houve o golpe do Estado Novo. Para Assis Chateaubriand, “era necessário atravessar um túnel, na esperança de que o futuro abrisse perspectivas para a restauração do regime democrático” (CHATEAUBRIAND apud BARBOSA, 2007a, p. 114).

Diante da repressão e da linha editorial adotada por *Dom Casmurro*, a redação foi aconselhada por Brício, o diretor do jornal, logo após uma reunião no Departamento de Imprensa e Propaganda²⁸, para que fossem mais compreensivos. Em seu livro de memórias, Joel aponta que foi alertado sobre seu trabalho na seção “Aconteceu nesta semana...”, por conta de seus comentários. Com isso, ele teve a ideia de colocar um outro nome para a seção: “Poderia ser pior...”, fazendo alusão ao que Brício tinha dito: “-Só peço a vocês que sejam compreensivos. É só ter cuidado, com o tempo as coisas poderem melhorar. Poderia ser pior...” (SILVEIRA, 1998, p. 180). A nova seção, não teria comentários políticos e passaria a falar de literatura, notas sobre livros etc.

²⁸ Oficialmente o DIP foi criado, em 27 de dezembro de 1939, a partir do Decreto-Lei nº 1.915. Antes existia outro órgão de controle e repressão, o Departamento Nacional de Propaganda (DNP), criado nos primórdios de 1938, após a extinção do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) e do DOP (Departamento Oficial de Publicidade). Com exceção do DOP, Lourival Fontes comandava os departamentos, e, o mesmo, tinha afinidade com o fascismo italiano. Pela data de publicação do “Podia ser pior...”, agosto de 1939, Joel Silveira deve estar se referindo ao DNP.

Sobre o DIP, cf. entre outros FGV-CPDOC, verbete DIP. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

Figura 16: Podia ser pior...



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional²⁹

Após quase três anos escrevendo para a redação do *Dom Casmurro*, Joel Silveira vai para a revista *Diretrizes*, onde atuou de 1940 até 1944. Criada por Samuel Wainer e Azevedo Amaral, em 1938, pouco depois da implantação do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, a revista focava mais em assuntos relacionados à política do que literários e culturais como *Dom Casmurro*, apesar de seu subtítulo ser “Política, Economia e Cultura”. Em função do viés cultural, em 1940, foi criado um suplemento literário presente ao final de cada edição.

Vale ressaltar que a revista, inicialmente mensal, segundo Ferrari (2012, p. 138), e havia sido criada também por Azevedo Amaral favorável ao governo autoritário, fazendo críticas ao

²⁹ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095605&pagfis=501>>. Acesso em: 24 out. 2022.

sistema liberal e, além disso, defendia e justificava a ditadura do Estado Novo. Diferente dos demais colaboradores da revista, como Carlos Lacerda, Graciliano Ramos e Nelson Werneck Sodré. Oito meses após a criação da revista, Amaral saí, deixando a direção exclusivamente para Samuel Weiner, que a partir de então “abandonou o posicionamento favorável ao Estado autoritário de Vargas” (FERRARI, 2012, p. 138). Mesmo assim, ainda publicavam materiais oriundos do Departamento de Imprensa e Propaganda, e, além disso, para garantir a sobrevivência da revista negociavam com a censura. A partir de 1940, *Diretrizes* passa por reestruturação e começa a publicar edições semanais. A mudança, segundo Ferrari relata em seu livro, foi graças a contribuição de Maurício Goulart. Além disso, a partir de então, mais de cinquenta nomes entraram para a revista como colaboradores efetivos, entre eles Raquel de Queiroz, Manuel Bandeira e Gilberto Freyre.

Na época, Joel Silveira entrou como redator e passou a escrever reportagens. Já em 1942, foi promovido a secretário, o último degrau antes do cargo de diretor, pertencentes a Weiner e Goulart. Lá, Silveira se tornou um verdadeiro repórter, pois produziu dezenas de reportagens, ao contrário do que ocorreu no período em que esteve em *Dom Casmurro*, onde, segundo Ferrari, teve apenas duas oportunidades realizá-las.³⁰ Com o tempo, Joel Silveira se tornou uma referência na revista, a ponto de seus textos serem anunciados como “Reportagem de Joel Silveira” (FERRARI, 2012).

É preciso salientar que as reportagens de Silveira em *Diretrizes* pareciam mais entrevistas, visto que exprimiam, basicamente, uma conversa com os sujeitos/temas das matérias. Entretanto, eram apresentadas aos leitores como reportagens. Esses textos eram bem diferentes dos que o autor publicara em *Dom Casmurro*. Na revista de Wainer, ocupavam entre duas e quatro páginas e recebiam ilustrações de fotografias. Alguns figuravam nas páginas iniciais de cada exemplar, enquanto outros apareciam nas páginas do meio. Das quase cinquenta reportagens, pelo menos quinze foram matérias de capa, portanto seus textos eram considerados dos mais importantes pelos editores do periódico. Os temas variavam entre acontecimentos daquela época, reconstituições de eventos passados e entrevistas com políticos, artistas e intelectuais. Os textos recebiam a classificação “Reportagem de Joel Silveira”. (FERRARI, 2012, p. 165).

³⁰ (FERRARI, 2012, p. 153).

Figura 17: Revista Diretrizes



Fonte: Montagem feita pela autora³¹

Foi, portanto, em *Diretrizes* que se consagrou como repórter. Especificamente por conta de uma reportagem chamada “Granfinos em São Paulo”, que produziu em 25 de novembro de 1944 e que foi capa da revista. A reportagem em tom irônico e que trazia informações sobre a vida dos ricos de São Paulo fez com que Joel Silveira tornasse conhecido no meio jornalístico, chamando atenção do alto escalão das notícias. Assis Chateaubriand, o apelidou de “A Víbora”, por conta da sua “Língua afiada e venenosa” (COSTA, 2019, p. 92). Entretanto, não aceitou a oferta dos Diários Associados e permaneceu na revista. Segue abaixo um trecho da reportagem que consagrou Silveira como repórter.

Durante uma semana, fiquei atordoado com a vida elegante de São Paulo. Haviam-me levado para algumas festas: primeiro um aperitivo, colorido e com

³¹Montagem feita a partir da imagem de uma página da revista *Diretrizes*, n. 0037, 6 mar. 1941. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=163880&pesq=&pagfis=2300>>. Acesso em: 22 ou. 2022.

pedaços de fruta dentro, depois uma carreira rápida de automóvel. Estive em jantares faiscentes. As mulheres muito belas e perfumadas. Particularmente aquelas que punham os cabelos para cima, num jeito que abandona aos nossos olhos as lindas nucas nuas. [...] Os rapazes se vestem muito bem, e telefonam. Telefonam de cinco em cinco minutos e conversam com Lili, com Fifi e com Lelé. (SILVEIRA, 1943, p. 2)³²

Devido a ação da censura a revista foi fechada, em 1944 e, por conta disso, Silveira teve que fugir para não ser preso pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). “De acordo com as memórias de Joel Silveira, após o fechamento da revista, ele teria se escondido em Sergipe, sua terra natal, temendo ações mais severas por parte dos órgãos repressores. [...] Porém, o jornalista continuou normalmente em suas atividades” (FERRARI, 2012, p. 237). Após o fechamento de *Diretrizes*, Joel Silveira aceitou a proposta de trabalhar para Assis Chateaubriand, dos *Diários Associados*. Lugar onde de início fez uma série de reportagens no Nordeste e que logo em seguida foi ao Rio para receber a notícia de que fora convocado para cobrir a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, na Segunda Guerra Mundial, como enviado especial.

3.2. “Vá para a guerra, mas não morra!” (COSTA, 2019, p.11)

Após uma breve introdução sobre a ascensão de Silveira ao jornalismo, será abordado agora sua experiência como correspondente de guerra. Mas, por que ele foi escolhido? De fato, Joel Silveira era um repórter que desenvolvia suas reportagens com maestria, entretanto existiam outros jornalistas que poderiam também estar em seu lugar. Um deles era Carlos Lacerda, diretor da *Agência Meridional*, que só não foi chamado, como já destacamos, por sua relação de oposição ao governo. Os outros eram David Nasser, repórter de *O Cruzeiro*, e Edmar Morel, um dos repórteres mais antigos dos *Diários Associados*.

Em entrevista para o minidocumentário “Joel Silveira: A víbora”³³ exibido no II Congresso da Abraji³⁴, Joel Silveira disse que nesse tempo em que estava no Nordeste escreveu algumas reportagens e entre elas uma sobre o Clube das Vitória Régias, um clube de senhoras da Ação Integralista Brasileira. Entre elas tinha a esposa do então presidente da Sul América

³² Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=163880&Pesq=Gr&pagfis=5503>>. Acesso em: 23 out. 2022.

³³ Joel Silveira: A Víbora. Produção: Rede Globo. Youtube. 22 abr. 2014. Duração 15 min. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=3smrF-BVETE>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

³⁴ Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.

Seguros e amiga de Chateaubriand. A reportagem foi publicada por Carlos Lacerda, que tinha sido encarregado de escolher uma das reportagens produzidas por Silveira, o que causou revolta em Chateaubriand. Apesar de Joel se desculpar, Chateaubriand fez o seguinte:

Chateaubriand levantou-se de branco: - “O senhor vai ser punido, seu Silveira! O senhor vai ser castigado! O senhor vai pra guerra, seu Silveira! O senhor vai matar alemão, seu Silveira! E já me venha aqui fardado e, se possível, com medalha!”. Naquele tempo já havia uma disputa dentro dos Associados para saber quem iria como correspondente para Itália. Nunca me ocorreu. Chateaubriand tinha repórteres excelentes, inclusive o próprio Carlos Lacerda. Tinha o David Nasser, tinha Edmar Morel, tinha outros. Não seria eu que teria a pretensão de ir. Nem pensar....³⁵

A víbora, como Chateaubriand o chamava, embarcou junto com os outros correspondentes e soldados brasileiros no navio que os levaram para Nápoles, na Itália, quando a guerra já estava perto do fim. Vale ressaltar que diferentemente da maioria dos jornalistas que reportavam apenas os fatos de forma objetiva, Silveira escrevia de maneira mais literária. Suas reportagens soavam como um diário de bordo, onde expressava suas opiniões e detalhava suas vivências de forma que o leitor visse através de seus olhos ou que pudesse se imaginar ao seu lado. Suas primeiras impressões começaram ainda a bordo do navio, como podemos observar no trecho a seguir, retirado de seu livro *O inverno da guerra*:

Escrevo esta minha primeira reportagem após 22 horas a bordo do transporte que nos desembarcará dentro de 16 dias para Nápoles. A mim e a cerca de 6 mil soldados brasileiros que comigo seguem para a guerra. É um mundo estranho e misterioso que possivelmente levará muito tempo para ser revelado. Ando pelos porões do imenso navio, perco-me em seus corredores que parecem não ter fim, a cada porta de ferro se abre para uma nova surpresa. (SILVEIRA, 2005, p. 21)

É importante ressaltar que, devido as dificuldades de enviar as reportagens direto do *front*, os textos de Joel feitos a bordo não chegaram com a mesma velocidade que as notícias que produzia na Itália. Como podemos observar no aviso feito na edição 07573, do dia 4 de janeiro de 1945, de *O Jornal*, na reportagem “Experiencias para o recruta”, onde o trecho citado acima está presente:

³⁵ Trecho retirado do documentário “Garrafas ao mar: a víbora manda”. Direção: Geneton Moraes Neto. Produção: GloboNews. Youtube. 24 nov. 2016. Duração: 1h18min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Mj1e6c8MTO4&t=3607s>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

Figura 18: A primeira reportagem.

EXPERIÊNCIAS PARA O RECRUTA

Joel Silveira
(Enviado especial dos "Diários Associados" à frente italiana)

COM O TERCEIRO ESCALÃO DA FEB, A GAMINHO DA ITALIA — Escrevo esta minha primeira reportagem depois de vinte e duas horas a bordo do transporte que nos desembarcará amanhã, depois de amanhã, ou dentro em breve, a mim e a milhares de soldados brasileiros, no primeiro porto italiano. É um mundo estranho e misterioso que possivelmente levará muito tempo para ser inteiramente revelado. Antes pelos seus prões, me perco nos seus corredores que parecem não terminar, e cada porta de ferro se abre para uma nova surpresa. Os avisos e o alto-falante, que se multiplicam por todos os compartimentos, são gutas crás e explícitos do que se deve e não se deve fazer. Estamos em guerra, somos uma multidão que sece para a guerra, e muita coisa não se deve fazer: não se deve, por exemplo, sair com alguns ao mar. Sou apenas um recruta, civil, transformado em cinco dias em soldado da siva, e me emaranho e confundo no mundo diferente, os pracinhas, no seu convívio ou nos corredores lá em baixo, olham atônitos para o meu distintivo (um Cristóvão grandioso numa faixa de oficial) e não sabem se devem ou não me cumprimentar. Respondo, encabulado, à saudação de uns poucos, mas o tenente Justino Vieira, companheiro de camarote, lá me garante que tenho credenciais de oficial. A verdade, porém, é que tenho dado "mata" que matariam de vergonha a qualquer oficial. Já falei com um "maíju" que era coronel e

Em virtude de dificuldades compreensíveis no envio de correspondências de front, as notícias de Joel Silveira, na Itália, chegaram-nos antes das reportagens feitas ainda a bordo do transporte que conduziu à Europa o terceiro contingente da F. E. B. O fato não traz nenhuma prejuízo para o leitor. Pelo contrário. Distingamos, a seguir, a sua primeira reportagem.

ontem misturei a calça de um uniforme com a túnica de outro. Mas esta gente que temo como é uma gente muito simpática e só posso ficar encantado com a maneira gentil e divertida com que todos encaram o recruta que uma remota "ilha de tiro" não conseguiu militarizar.

O tenente Antonio Caldeira Vitral, oficial de ligação, me leva até o gabinete de comando, num dos compartimentos de baixo, e me enche de dados sobre minha atual pessoa. Vejo-me, de repente, transformado numa série de números: sou o C. G. e o camarote 107, beliche 148, e em caso de perigo (isola) lá sei o que tenho de fazer — não perco a calma, ajuto o certo salva-vidas, se houver tempo, e corro para o "lifboat" 9, a bombordo. Seriam meus companheiros o capitão Italo, o capitão Máximo, o capitão Darcy, o tenente Justino, o tenente Ner Pua-

tava eu no meu camarote arrumando a terrível bagagem (mais de 50 quilos sobre uns pobres ombros civis, do armazém para o navio e pelo navio a dentro, através de mil escadarias, até o 107) quando ele entrou no meu camarote. Confesso que fiquei sem fôlego.

Lembro-me perfeitamente da primeira camaradagem que fiz a bordo: foi um pneu, vindo da Bahia e que me apresenta um croqui do sr. Getúlio Vargas, apunhado quando de sua visita, ontem de tarde. É um desenho mais ou menos (qualquer coisa como a maneira do desenhista Alvarus, por exemplo) e ele me pergunta se deve mostrar a obra ao presidente. Sagro-lhe, em resposta, que se entenda com qualquer oficial graduado e ele se perde num dos corredores da frente. As horas, porém, vão passando e agora é possível já comer uma longa lista de amigos: o tenente Nestor Lido, um dos dentistas de bordo e que também já foi da imprensa. Falamos de "A Voz da Pátria" jornais onde ele trabalhou, e ele me pede que mande na primeira correspondência abraços para Osório Borba e Bezerra de Freitas, seus amigos. Deixo-os aqui. Outro bom companheiro é o tenente Milton da Rocha Alencar, a quem conto, em primeira mão, uma complicada história de malias. Acabace que recebi da Intendência do Exército, como todo oficial expedicionário, uma mala A, uma mala B e um saco, C. Mas não recebi conjuntamente uma mala

(Continua no 6.º pag.)

Fonte: Diários Associados.³⁶

Não era somente de vitórias, derrotas ou mudanças do quadro que a guerra estava que o jornalista reportava: seu objetivo era outro. Joel escrevia sobre o seu dia a dia no front, sobre seu convívio com os outros correspondentes, soldados etc. O que dava uma visão mais palpável dos acontecimentos, que não eram tão distantes, como muitos provavelmente pensavam, e bastante desagradável, para os soldados que sentiam, não sendo apenas peças de um tabuleiro de xadrez onde o objetivo era o xeque mate.

Na reportagem “Não vá além daquele poste” presente no livro “O inverno da guerra” mostra bem como o repórter descrevia a ambiência, as sensações decorrentes do frio intenso, o que via, o que sentia na pele e, sobretudo, a experiência dos pracinhas, nominados, um a um, transformados em personagens vivos que sofriam os efeitos da guerra infame. Todos narram suas histórias num dia especial, o Natal, fazendo dele, nas palavras de Silveira “Um Natal diferente, gelado, traiçoeiro, de homens que arriscando numa terra varejada de morteiros, pelas metralhadoras”.

O frio estava medonho, entrava pela pele adentro, chegava até os ossos; e o vento levantava a neve e a sacudia sobre os homens do sargento Ício. Quando os foguetes iluminados explodiam no ar, e tudo ficava claro como um dia de

³⁶ Edição n. 07573, de 4 de janeiro de 1945. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_04&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=25262>. Acesso em: 20 dez. 2022.

verão, os soldados brasileiros tinham que se estirar sobre o chão de gelo, tiritantes. Um deles, o pracinha Benedito Filho, de Pontal (São Paulo), não conseguiu resistir e ficou ali estirado na neve, inerente como um morto. Ele passou 15 dias no hospital, mas agora já está recuperado e me conta sua história:

- Uma bomba estourou perto e então mergulhei no chão. Outros morteiros começaram a explodir e eu não podia me levantar. Passei alguns instantes (ou foram séculos?) assim, e quando quis me levantar, não pude. Estava mais duro do que um pedaço de pau. O sargento Írcio é que me trouxe nas costas de lá até aqui ao Posto de Comando. Pensei que ia morrer.

O pracinha Darci Ribeiro dos Santos, de Paraúna (Minas), atuou na patrulha como telefonista. O cabo João Rosa da Silva Ramos, do Rio, me diz que chegou a enxergar à sua frente o movimento de dois ou três soldados inimigos. O terceiro-sargento Manuel Gomes Guimarães, que comandou um grupo de cinco homens, me disse:

-Durante toda a noite fiquei imaginando como estava sendo o Natal no Brasil. Particularmente lá em casa.

E o terceiro-sargento João Almeida Costa me diz:

-Nunca senti tanto frio. A noite às vezes ficava clara como se fosse meio-dia. depois, quando a luz surgiu, ficou ainda mais clara. E eu só queria que aquela lua fosse um sol carioca, sol de dezembro na praça Saens Peña.

Esta é a história de um Natal brasileiro na frente de batalha. Um Natal diferente, gelado, traiçoeiro, de homens se arriscando numa terra varejada de morteiros, pelas metralhadoras. (SILVEIRA, 2005, p.50-51)

Claro que, por conta da censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, era complicado fazer críticas e descrever exatamente o que acontecia. Como podemos observar na “Nota da Redação” presente na reportagem “O fascismo dirigia até o esporte nos jornais italianos”, retirada da edição 07631 do *O Jornal* publicada no dia 15 de março de 1945.

Figura 19: Reportagem de Joel Silveira censurada



Fonte: Diários Associados³⁷

Mesmo sendo aprovada pela censura militar dos aliados, o DIP não permitiu que a reportagem realizada em janeiro fosse publicada. Baseando-se na afirmação de Ana Paula Goulart Ribeiro (2000) de que o jornalismo é uma fonte histórica isso acaba interferindo na memória histórica. Esta questão será desenvolvida no próximo capítulo, quando faremos algumas ilações teóricas sobre a problemática da memória. De maneira breve, podemos dizer que a ação censória, eliminando sumariamente informações, produzindo o silêncio e o esquecimento imposto, gera prejuízos para a construção da memória e no caso de um acontecimento como a Guerra para a memória histórica. Segundo Pollak (1992, p. 4) “A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória do povo”. A censura, portanto, afeta essa memória, ao produzir um silêncio imposto.

Joel com seus textos construía uma espécie de bordado do dia a dia da guerra. O formato diário de bordo, ou crônicas, como as de Rubem Braga, do *Diário Carioca*, acabava chamando atenção justamente pelos trânsitos narrativos que possibilitava. Instaurava-se novos modos de narrar no jornalismo. Não à toa que Joel Silveira é considerado o precursor de um apregoad

³⁷ Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&Pesq=FEB&pagfis=26349>. Acesso em: 27 dez. 2022.

“novo jornalismo”³⁸, em que as tramas literárias se sobrepõem ao fato, e no qual a forma de escrever lembra a dos romances. Se a forma se aproxima da literatura, a essência do jornalismo, ou seja, os fatos brutos transformados em acontecimentos do mundo estão lá presentes, nos textos de Silveira. E com eles, uma guerra viva que passa a ser reconstruída por quem, ainda hoje, relê aquelas páginas.

³⁸Disponível em:<<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/escritores-brasileiros-joel-silveira/>>. Acesso em: 11 de. 2022.

4. JOEL, JORNALISTA E A II GUERRA NA SUA TRAJETÓRIA

O capítulo tem por objetivo mostrar a experiência de Joel Silveira como correspondente na Segunda Guerra Mundial, a partir de suas próprias memórias, expressas em suas reportagens, entrevistas, documentários e, sobretudo, livros. A proposta do capítulo será, justamente, refletir a memória permanente de seu passado como jornalista quando relembra momentos marcantes da sua carreira. Sobressaem nos movimentos e nos trabalhos de memória do jornalista o contexto de censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), durante o Estado Novo, e a construção da sua identidade jornalista. Para compreender e debater o tema, o capítulo será dividido em três partes.

Na primeira parte, no subitem intitulado “Lembranças que vão e voltam”, será abordada, ainda que referencialmente, a questão da memória. Subdivido em três partes, as lembranças que vão e voltam procuram mostrar os movimentos de construção do personagem-jornalista Joel Silveira; a análise de como Joel Silveira noticiou a campanha da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.), na Itália, na Segunda Guerra Mundial; e breve análise dos textos que publicou em O Jornal, periódico dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Aqui o foco é como abordou o tema da guerra em suas reportagens.

Fechando o capítulo, em “Então isto é a guerra?”, o centro analítico é a sua experiência como jornalista na Segunda Guerra Mundial a partir da reinscrição de estratos das suas memórias sobre a guerra, presentes em livros memorialísticos. O objeto empírico privilegiado será o livro “O inverno da guerra” (2005).

4.1. As lembranças que vão e voltam

O conceito de memória, com toda a complexidade nele envolvida, pode ser entendida como individual, coletiva ou social, de acordo com Pollak, ao considerar os pressupostos de Maurice Halbwachs, que percebe a memória para além do indivíduo, considerando sua dimensão coletiva e social: memória como “fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 2). Além dessas duas dimensões há que se considerar a memória organizada na dimensão de uma memória nacional, presente nos acontecimentos elevados a condição de históricos, como é o caso da Segunda Guerra Mundial.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento e que ela é articulada, e que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio das datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória do povo (POLLAK, 1992, p.4).

Um ponto importante para a linha de raciocínio é levar em questão que a memória é seletiva, nem tudo fica guardado, além disso, ela é herdada, ou seja, passa de geração em geração, como indica a citação anterior de Michel Pollak (1992). Uma vez seletiva, estamos, também, lidando com o esquecimento e suas tipologias. Barbosa (2007b), ao abordar a questão da memória em seu artigo “Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro”, a autora dialoga com a questão a partir das proposições de Paul Ricoeur (2000). Para ele, o esquecimento pode ser “memória impedida, bem como memória manipulada e esquecimento comandado” (BARBOSA, 2007b, p.6).

No primeiro caso, emerge a questão do inconsciente freudiano e no segundo grupo estaria a memória relacionada à narratividade, já que qualquer narrativa enseja seleção e, portanto, certo esquecimento contido em outra maneira de dizer. Já o esquecimento institucional seria o comandado. Se há, portanto, uma vontade de memória politicamente desejável, também existe uma política de esquecimento público. Como lembra Huyssen (2005), nenhuma memória política pode funcionar sem o esquecimento. (BARBOSA, 2007b, p.16)

Assim, podemos dizer que a ação censória do Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), no período, produzia um esquecimento comandado, com reflexo na construção de uma memória nacional, ao promover o esquecimento institucional, já que suas ações interferiram na divulgação das notícias em escala nacional.

Cabe destacar que a ação do DIP se fazia numa dupla dimensão: a de censura e produção do consenso através de várias estratégias, considerando como central a ideia de povo-massa que poderia ser comandado, sempre, pelos que detinham vozes reconhecidas na sociedade.

Caberia ao governo, através de múltiplos aparelhos burocráticos criados no período e com o concurso de intelectuais orgânicos dos grupos dirigentes, desempenhar funções cada vez mais complexas, inclusive a de dar orientações ao povo, massa amorfa e indiferenciada. Paralelamente, apresenta-se a necessidade de difundir conhecimentos e noções elementares e, assim, torna-se fundamental o papel dos intelectuais e dos veículos de difusão, isto é, a

imprensa. (BARBOSA, 2007a, p. 105)

Barbosa em seu livro *História Cultural da Imprensa* (2007), apresenta como ideia central do pensamento conservador brasileiro, dominante no período, a irracionalidade das multidões usada por Francisco Campos, um dos ideólogos do Estado Novo. “O irracional”, diz ele, “é o instrumento de integração política total” e a forma de controlar essa irracionalidade é a utilização de técnicas capazes de dominar o inconsciente coletivo para, dessa forma controlar politicamente a nação”. Campos ainda afirmava que “somente pelo apelo às forças irracionais ou às formas da solidariedade humana tornará possível à integração total das massas humanas em um regime de Estado” (CAMPOS apud BARBOSA, 2007, p.116).

De acordo Marialva Barbosa (2008), ao dialogar sobre a memória a partir de Paul Ricoeur (RICOEUR, apud BARBOSA, p.5), nós somos atingidos pela história somente por mudanças em relação à memória, pois é com ela que temos a primeira abertura em direção ao passado. Barbosa ainda afirma que “sem memória não há passado e a operação que assegura a transição da memória à história é o testemunho. Através do testemunho as coisas vistas se transferem para o plano das coisas ditas” (BARBOSA, 2008, p.5). Assim, a atuação de Joel Silveira no *front*, como correspondente e tendo em mente que o jornalista se considera muitas vezes (e se constrói historicamente como tal) como testemunha “da história”, configura uma dada composição da história, a partir de sua ação de ter estado presente no front da Guerra.

Segundo Jan Assmann (2006), ao explicar as funções de memória de objetos culturais, que engloba, além objetos materiais e ações, os textos são uma forma de instaurar a linguagem como central para a questão da memória. Formalizar a linguagem e a fala seria uma forma de estabilização, uma “comunicação preservada”. Logo, na terminologia de Assmann (2006), seria transformar o enunciado em texto e, posteriormente, em memória. “‘Texto’, em seu uso diário, significa “enunciado formalizado”, isto é, algo que, além de ser lembrado, é transmitido e retomado repetidamente. “Com a categoria texto, a linguagem passa, em minha terminologia, do nível de comunicação ao de memória (ASSMANN, J., 2006, p.72, tradução nossa).³⁹

Entretanto, ainda que tenha sido apresentado que o texto é uma peça-chave para a memória, não podemos dizer que, mesmo perpetuando as palavras no papel, a memória e história são a mesma coisa. Segundo Aleida Assmann “história e memória, nesse caso, são determinadas pela limitação recíproca que impõem uma à outra: uma é sempre o que a outra

³⁹ No original: “Text”, in everyday use, means ‘formalized utterance’, formalized, that is, in view of being remembered, transmitted, and repeatedly taken up. Text is speech in the status of a mnemonic mark. With the category of text, language passes, in my terminology, from the level of communication to the level of memory”.

não é” (ASSMANN, A., 2011, p.143). A memória não é algo constante, justamente, por estar lutando contra o esquecimento, visto que não é possível armazená-la por inteiro, como Pollak (1992) enfatiza. A memória, “não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9).

Para Pierre Nora (apud ASSMANN, A. 2011, p. 143) a

memória, história: não são sinônimos de modo algum; na verdade, como já sabemos hoje, são opostos em todos os aspectos. [...] A memória é sempre um fenômeno atual, uma construção vivida em um presente eterno, enquanto que a história é representação do passado. [...] A memória orienta a recordação para o sagrado, a história expulsa-a: seu objetivo é a desmistificação. A memória surge a partir de um grupo cuja conexão ela estimula. [...] A história, por sua vez, pertence a todos e a ninguém, e por isso é designada como universal (NORA, 1990, p. 12)

4.1.1. A guerra atualizada nos textos

Assim, diante dos mecanismos presentes no testemunho de Joel Silveira, nas suas reportagens, destaca-se a sua experiência diante dos acontecimentos e a certeza de que estava presente num momento que seria construído para a história. Aqui, as reportagens são construídas com vistas ao futuro, procurando um “lugar na história”.

Os textos que serão privilegiados para a nossa análise são “Experiências para o recruta”, sua primeira reportagem, e “O fascismo dirigia até o esporte nos jornais italianos”, ambas publicadas no *O Jornal* dos Diários Associados. Além dessas duas, também escolhemos “Monte Castello é nosso”, na qual fala sobre a tomada de Monte Castello, presente na coletânea de reportagens do livro “O inverno da guerra”.

Ao embarcar no navio junto com o terceiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B), que partiria direto para a Itália, Joel Silveira tinha apenas um dever: divulgar os acontecimentos que achava mais importante para publicar no jornal que representava e, dessa forma, informar seus leitores. Apesar de ser uma tarefa relativamente fácil, se não for considerada as crueldades da guerra, havia barreiras, como já enfatizamos, que dificultavam ainda mais o trabalho na correspondência de guerra: a censura.

Ainda que Assis Chateaubriand tenha participado do movimento para liberação de jornalistas para o front junto ao Departamento de Imprensa e Propaganda, como fizeram outros chefes dos grandes jornais da época, Joel Silveira não era muito bem-vindo pelos oficiais da FEB, o que fazia com que ele também os considerasse como o “terceiro inimigo” (SILVEIRA,

2005, p. 17). Em suas memórias, descreve que os militares da alta patente da FEB os tratavam com desconfiança e que ele, bem como os outros correspondentes, tiveram que deixar bem claro que não queriam fazer política e sim notícia. “Lá na Itália, no começo, os correspondentes tiveram que de enfrentar um outro inimigo, além do frio e dos alemães. Tivemos de vencer a frieza e mesmo a desconfiança (que nunca chegou a uma declarada hostilidade) do próprio comando da FEB” (SILVEIRA, 2005, p. 17).

Ainda segundo Silveira (2005), eles eram esquivos, evitavam os correspondentes ao máximo e “[...] quando eram obrigados a nos fornecer as informações pedidas com tanta insistência e teimosia faziam-no de maneira reticente, como quem não quer puxar assunto” (p. 17). Para o jornalista (2005), isso tinha uma explicação: eles, os correspondentes, faziam parte da imprensa que não tinha simpatia ao Estado Novo e que, apesar da censura do Departamento de Imprensa e Propaganda, deixavam claro que não concordavam com as políticas implementadas no governo. Com o passar do tempo, os próprios oficiais começaram a perceber o verdadeiro motivo dos correspondentes estarem ali: fazer notícia. Silveira lembra bem como foi esse processo: “Lendo nossa correspondência, o pessoal mais graúdo da FEB percebeu que estávamos ali para ajudar e não atrapalhar.” (SILVEIRA, 2005, p.17).

Vale lembrar que, como dito anteriormente, o DIP tinha, entre as suas funções, censurar a imprensa, impondo o que poderia ou não ser publicado, como podemos observar na reportagem “O fascismo dirigia até o esporte nos jornais italianos”, publicada em 18 de março de 1945, dois meses após a data original. De acordo com o *O Jornal* “este artigo, escrito por Joel Silveira, não pode ser publicado em janeiro em virtude de ter sido vetado pelo DIP, apesar de liberado pela censura militar aliada”⁴⁰.

Diferente de diversas reportagens de guerra publicadas pelos demais jornalistas, Joel Silveira detalhava os acontecimentos em primeira pessoa e expressava claramente sua opinião nos textos. Monte Castello, é um exemplo de sua forma de cobrir as batalhas durante a campanha da FEB. Apesar de não estar no *front* nos primeiros ataques, Joel esteve presente no final, na decisão do conflito. A princípio, ele não sabia que seria o fim, a ponto de mencionar que estava em busca de uma novidade, “que o faro do repórter sentia no ar” (SILVEIRA, 2005, p.93).

No dia 20 de fevereiro de 1945, véspera da tomada de Monte Castello, eu estava de viagem marcada para Roma. Havia mais de 15 dias que estava ali,

⁴⁰ Nota da Redação, **O Jornal**, nº. 07631, 15 mar.1945, p.8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&Pesq=FEB&pagfis=26349>. Acesso em: 04 nov. 2022).

em Porreta-Terme, no Quartel-general Avançado da FEB, à espera de algum acontecimento mais importante, *que o faro do repórter sentia no ar*. Mas precisava urgente de um “banho de retaguarda” – e banho no sentido literal da palavra. Precisava cortar o cabelo, fazer uma barba decente, mergulhar horas numa das banheiras (verdadeiras piscinas) do Alberto Sistina, botar uma farda limpa e bebericar no bar sempre movimentado do hotel. Em resumo, gozar uns momentos de paz e sossego. (SILVEIRA, 2005, p.93, grifos nossos)

Ao longo da batalha, Silveira foi narrando os fatos de hora em hora, dando assim para o leitor a sensação de fazer parte dos acontecimentos narrados e datados, em sequência, como podemos observar no trecho de sua reportagem “Monte Castello é nosso”:

Daí por diante, os acontecimentos se sucederam nesta ordem, conforme me dizem os quase indecifráveis apontamentos que fui tomando, às carreiras, entre uma olhada no binóculo e uma informação ao dos rádios:

- Às doze horas o general Mark Clark, comandante da frente italiana, o general Truscott, comandante do 5º Exército, o general Crittberg, comandante do 4º Corpo do 5º Exército, e o comandante-em-chefe das Forças Aéreas do Mediterrâneo estiveram em visita ao general Mascarenhas de Moraes, no seu Posto de Observação, uns 3 quilômetros à direita do Posto de Comando do general Cordeiro.

- Às 12h30 o major Uzeda, que avança pela esquerda, pede proteção da Artilharia para que possa alcançar um ponto na sua frente, e o general Cordeiro ordena às baterias: “Cinco rajadas de morteiros sobre a cota 813”.

- Às 13h55 um dos batalhões avisa que foram avistados reforços alemães que começam a chegar a Castelo. Ao lado direito, o coronel Franklin está detido com o seu 3º Batalhão. O major Uzeda previne pelo rádio que tentará envolver Castelo pela esquerda. [...] (SILVEIRA, 2005, p.96).

Como podemos observar o jornalista tinha um jeito singular de escrever suas reportagens. Segundo Volcean (2017), Joel Silveira já apresentava sua forma de produzir seus textos logo em sua primeira reportagem “Experiências para o recruta”, publicada em *O Jornal*. Volcean (2017), aborda a mesma questão, ao comparar os trabalhos de Joel Silveira e Rubem Braga, outro grande nome do jornalismo literário e que, como Silveira, atuou como correspondente de guerra na Segunda Guerra Mundial. De acordo com a autora, Joel Silveira, em sua primeira reportagem, “a primeira logo depois de embarcar, trata da partida e viagem em direção à Itália de maneira distinta”. Segundo ela, “contrário de Braga, o correspondente oferece uma visão do navio a partir de sua própria perspectiva, na primeira pessoa do singular, evitando a observação do comportamento de terceiros” (VOLCEAN, 2017, p. 86). Dessa forma, refletia sobre como era atuar como correspondente de guerra e, ao mesmo tempo, trazia

informações sobre o que acontecia no *front*.

Escrevo esta minha primeira reportagem depois de vinte e duas horas a bordo do transporte que nos desembarcará amanhã, depois de amanhã, ou dentro em breve, a mim e milhares de soldados brasileiros, no primeiro porto italiano. É um mundo estranho e misterioso que possivelmente levará muito tempo para ser inteiramente revelado. Ando pelos seus porões, me perco nos seus corredores que parecem não terminar, e a cada porta de ferro se abre uma nova surpresa. (Silveira, 1945, p.1)⁴¹

4.2. “Então isto é a guerra?” (SILVEIRA, 2005, p. 27)

Para Joel Silveira correspondente que experimentava quotidianamente as misérias do front, a guerra trazia mais perdas do que ganhos. Fazer parte de um evento histórico, podia não ter nada de glamouroso, como é mostrado nos filmes que contam a Segunda Guerra Mundial. Além disso, ser correspondente em uma guerra não era muito diferente do que ser um soldado. Havia normas a serem seguidas a partir do momento de alistamento, De acordo com Hann (2013), ainda que tivessem o posto de capitão, os correspondentes não faziam parte das tropas.

Antes de seu credenciamento, estava sujeito a ficar concentrado em um quartel por um prazo estipulado, recebendo instruções e aprendendo os regulamentos militares, assim como tinha de, obrigatoriamente, assinar um documento comprometendo-se a encaminhar o seu texto a todas as censuras instituídas pelo comando. Depois disso, vestia um uniforme de tropas regulares, com a insígnia de *War Correspondent* bordada em dourado no ombro e um soldado encarregado e ser seu motorista era-lhe designado. Apesar de contar com o posto simbólico de capitão, era credenciado formalmente como “junto às tropas”, ou seja, não era considerado parte das tropas regulares”. (HANN, 2013, p.676)

A vida nos campos de batalha não era fácil, e o fato de serem jornalistas não impunha privilégios. Em seu livro “O inverno da Guerra”, Silveira expôs a sua indignação quando afirmavam que a vida dos jornalistas na Itália durante a guerra era fácil, “uma sopa” ou até mesmo “um passeio”:

Até anos atrás a pergunta me irritava profundamente. E me feria. Mas agora pouco ligo para ela. Limito-me a pensar comigo mesmo que o diabo é testemunha de que não foi um passeio. Muito pelo contrário: sofremos

⁴¹Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_04&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=25262>.

Acesso em: 4 nov. 2022.

bastante lá no Apeninos. Medo, frio - muito frio -, desconforto, e aquele constante odor de sangue velho e óleo diesel, que é o cheiro da guerra. E mais o tédio dos longos dias e noites em locais inviáveis, sitiados pela neve. Onde o passeio? Onde a Sopa? (SILVEIRA, 2005, p.9).

Em “Sozinho no Mundo”, mais uma de suas reportagens feitas diretamente do *front* e, também, incluída no livro, o jornalista deixou claro a sua experiência nos campos de batalha, procurando eliminar a visão romantizada que muitos têm da guerra.

“Então isto é a guerra”, eu me perguntava. [...] Pois aqui estou eu sozinho na enorme cidade subvertida, ferida de morte, invadida, estuprada de dias cinzentos e empoeirados que cheiram a gasolina e a pus, a grande cidade talada pela guerra. Aqui estou eu sem amigos e sem direção. Então, num lampejo, tudo me pareceu adulto – inclusive eu. Era isto: tudo amadurecera subitamente – a cidade, a noite, eu, os próprios meninos (numerosos e barulhentos como um enxame de abelhas famintas) que me perseguiram de mãos estendidas, sujos, insistentes, um bando sem fim de pequenos espantalhos. Tudo está maduro, à espera da morte. (SILVEIRA, 2005, p.27)

Ao publicar suas lembranças na reportagem, Silveira destaca uma memória das sensações, a visão sobre “dias cinzentos e empoeirados”, o olfato, representando pelo que denomina, em diversas descrições como “o cheiro da guerra”: gasolina ou diesel; sangue velho ou pus. Estas lembranças, destacando as sensações que viveu, criava uma memória e a visão do que se passou, produzindo identificação, pois, ainda de acordo com Pollak (1992), ao falar sobre a memória quase que herdada por meio de acontecimentos vivido, “podem existir acontecimentos regionais [no caso, a Segunda Guerra Mundial] que traumatizam tanto, marcam tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação” (p.2).

Havia outras dificuldades em ser jornalista na guerra, entre elas conseguir as melhores informações. Silveira (2005) afirma que tinha alguns “inimigos domésticos”, que tentavam de alguma forma dificultar a sua atuação como jornalista profissional. Entre eles, o jornalista Egydio Squeff, do *O Globo*, pois dispunha de “folgada franquia telegráfica, sem economia de palavras” (p. 18). Assim, a qualquer momento, podia enviar uma notícia antes de Joel. Com isso, o jornalista procurava de todas as formas não tirar os olhos de Squeff.

Squeff era frágil, ardiloso: nos últimos dois meses de guerra, que foram os mais intensos (particularmente a partir de Monte Castelo), eu procurava de toda maneira não me desgrudar dele, jamais perdê-lo de vista. E ele fazia o mesmo. Estivemos juntos em Monte Castelo, Castelonuevo, entramos juntos em Montese (e isso quando a pequena e castigada cidade ainda não era inteiramente nossa), em Zocca, Vignola. E juntos chegamos em Milão. E ali, no primeiro dia de paz e na companhia, ainda, de Thassilo Mitke, da Agência

Nacional (excelente fotógrafo que a FEB merecia ter tido desde o princípio), bebemos juntos no Biffi da Galleria Vittorino Emmanuelle o nosso primeiro conhaque despreocupado, sem a intenção de um querer embebedar o outro. (SILVEIRA, 2005, p. 19).

Ele ainda afirma que em algumas de suas conversas no *front*, Squeeff, tentava o persuadir a não ir a certos lugares, para que ficasse com a exclusividade da matéria. “Muitas vezes, lá no *front*, Squeeff, manhoso, vinha com a velha conversa que eu já sabia de cor. Dava uma tragada no cigarro (norte-americano), soltava uma baforada, começava: “Estive pensando...” (SILVEIRA, 2005, p. 19). Mas de nada adiantava, pois Joel já entendia o que estava acontecendo e lançava a sua resposta. Por fim, ninguém ia ao lugar.

Como já afirmamos anteriormente, a presença do correspondente não era muito bem-vinda nos por oficiais e soldados dos postos de comando. Não somente pela fama da imprensa não ser a favor do Estado Novo, mas também pela ideia de que se havia um jornalista ali presente “é porque alguma coisa vai acontecer” (SILVEIRA, 2005, p.15). Entretanto, no *front* era exatamente o contrário, já que levavam consigo jornais do Brasil, ou seja, notícias sobre o que estava acontecendo no país. Mesmo que com meses de atraso, os soldados ficavam satisfeito em ter pelo menos alguma notícia. Além disso, Joel (2005) também afirma que estavam sempre a disposição para fazer pequenos favores, como “bater uma carta à máquina. [...] Às vezes, as cartas já estavam escritas e devidamente envelopadas – tínhamos apenas de entregá-las aos censores do QG avançado” (p.15).

Outro aspecto importante para o bem-estar da tropa foi a circulação de jornais com notícias vindas do Brasil, algo extremamente difícil de se realizar naqueles tempos. Muito provavelmente, a dificuldade em se obter notícias era decorrente da rigorosa censura do Departamento de Imprensa e Propaganda, que atuava até sobre a correspondência dos soldados. [...] São inúmeros os relatos de exemplares de jornais que chegavam à Itália com lembranças do Brasil. Esse era o caso de O Globo Expedicionário, editado no Brasil, que levava até seis semanas para chegar às mãos dos pracinhas. (BARONE, 2018, p.187)

O inverno também foi um grande desafio, não somente para os jornalistas, mas para todos. A noite durava mais que o dia e o frio congelante os atingia de todas as formas. “No medonho inverno toscano e apenino, como foi aquele de 1944-45, o sol só aparecia mesmo, e isso quando aparecia, lá pelas dez horas. E já nascia um sol cambaleado, agonizante, a prevenir que demoraria pouco. Três, quatro horas da tarde, e já era de noite novamente” (SILVEIRA, 2005, p. 10). Joel Silveira ainda afirma que nos últimos cinquenta anos, nunca tinha acontecido

um inverno tão rigoroso quanto o que ele estava vivendo na Itália. Os correspondentes tinham um abrigo, diferente de muitos soldados, mas não escapava do frio congelante. “Em Pistóia, onde nós, os correspondentes, tínhamos um lar efetivo era comum um frio de quatro graus abaixo de zero. Lá em cima, no front, a coisa piorava, e como! - no auge do inverno, nunca menos que oito, seis graus negativos” (SILVEIRA, 2005, p.13).

Ainda, em entrevista a Fernando Miranda (2007), ao falar sobre o primeiro capítulo do livro “O inverno da Guerra”, Joel deixa ainda mais clara a situação deplorável que se encontrava junto a FEB. Segundo o jornalista, foi uma experiência dura, não somente pelo cenário infernal que é a guerra, mas também pelas condições climáticas, aonde a temperatura ia abaixo de zero com facilidade.

O negócio foi duro mesmo. Muito duro. Não só porque guerra é sempre dura, mas pelas condições climáticas, um inverno rigoroso né, 19, 20 graus abaixo de zero, que nós não estávamos acostumados, e pela situação geográfica. O setor que a FEB defendeu, na frente dos Apeninos, foi o mais ingrato possível. Os próprios comandantes militares, o próprio General Mark Clark, o General Crittenberger (Willis), os generais americanos reconheciam isso. Um deles, antes de ir embora, disse: ‘Coube à FEB, aos soldados brasileiros, o setor mais ingrato da frente Apenina’. A gente vivia numa cratera. Não havia dia, porque de noite era o black out e de dia se queimava óleo diesel para formar aquela neblina artificial para que os alemães, lá de cima do morro onde eles estavam, não nos percebessem. Porque se eles percebessem atiravam imediatamente. Era uma chuva de morteiro terrível. Uma situação muito ingrata. Ficamos lá quatro meses. Foi um inferno. Numa dessas vezes um morteiro atingiu um cineminha que tinha lá em Porreta-Terme e matou 23 civis e três soldados brasileiros. (MIRANDA, 2007, p.5).

Por fim, a morte, que esteve sempre presente no cotidiano de Joel Silveira e nas suas reportagens. Nas cartas que escrevia para a pedido dos soldados havia mensagens de retorno para casa e a informação de que estava tudo bem. Mas “na verdade, quem escrevia já havia morrido há dias, ou acabado de morrer – ou mesmo acabara de amputar um braço ou uma perna. A guerra é nojenta” (SILVEIRA, 200, p.16). Entre suas reportagens, que abordavam a temática, destacamos “A Morte do “Partigiano”” e “A Morte do Sargento”. Na primeira, Silveira acompanha o “velório” de um *partigiano*, membro da resistência italiana conta o fascismo, e traz detalhes de como aconteceu. No relato, disse que mal dormira no dia, pois somente depois de duas da manhã a artilharia alemã tinha cessado fogo, mas ainda assim era difícil pegar no sono. Nesse dia, o jornalista recebeu ordens do tenente Silvio Silveira para acordar bem cedo para acompanhar o “velório” de um *partigiano* que aconteceria em uma montanha localizada em frente ao seu posto de comando. Além de a Joel, estava, o tenente, o pracinha Wilson e o *partigiano* Luigi, e, juntos, chegaram ao destino através de um bondinho elétrico “o mesmo que

serviu aos homens da 10ª Divisão de Montanha norte-americana que daqui expulsaram os nazistas” (SILVEIRA, 2005, p.128). Ao chegarem, encontraram uma manta na qual estava embrulhado o *partigiano* Lorenzo morto em combate por uma granada alemã.

A granada rebentou sobre sua cabeça, e quando levanto a manta para procurar o rosto, encontro somente uma massa disforma e sangrenta e algum pouco de cabelo louro. O tenente Silvio me explica:

- Ontem à noite os tadescos bombardearam também lá em cima. Mataram este partigiano, feriram um outro e mais dois pracinhas nossos. (SILVEIRA, 2005, p. 129)

O jornalista narra os acontecimentos em suas reportagens de forma detalhada, trazendo descrições dos locais e personagens. Volcean (2017) ao analisar a forma como Rubem Braga e Joel Silveira escrevem suas reportagens, afirma que eles utilizam a mesma técnica para narrar os acontecimentos. A autora destaca um trecho retirado do artigo “Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo”, de Brockmeier e Harré (2003), o qual aborda justamente descrição e tradução daquilo que o narrador [no caso, Joel Silveira] vivência” (VOLCEAN, 2017, p. 85) para os leitores.

Em outras palavras, a ordem discursiva através da qual nós tecemos nosso universo de experiências emerge apenas como um *modus operandi* do próprio processo narrativo. Ou seja, estamos lidando primariamente não com um modo de representação, mas com um modo específico de construção e constituição da realidade, como Bruner (1991) apontou. A fim de estudar esse modo de construção, nós devemos examinar cuidadosamente as maneiras pelas quais as pessoas tentam dar sentido às suas experiências. Elas o fazem, entre outras formas, narrando-as (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003, p. 531 apud VALCEAN, 2017, p. 85).

Volcean (2017) afirma que Rubem Braga utiliza esse artifício para “dar sentido e significar o fato” (p.85). A mesma técnica também é usada por Silveira. Ao descrever “A Morte do Sargento”, o jornalista significa a morte pela violência como a expõe na narrativa a partir de uma experiência que pode ser somente sua, uma vez que era ele, e somente, que podia produzir a narração testemunhal. Afinal, ele estava lá:

Vi perfeitamente quando a rajada de metralhadora alemã rasgou o peito do sargento Max Wolf Júnior. Instintivamente, ele juntou as mãos sobre o ventre e caiu de bruços. Não se mexeu mais. O tenente Otávio Costa, *que estava ao meu lado*, no Posto de Observação, apertou os dentes com força, mas não disse uma palavra. Quando lhe perguntei se o homem que havia tombado era o sargento Wolf, ele balançou afirmativamente a cabeça. *Menos de uma hora antes eu estivera conversando com o sargento. Creio que foi a mim que ele fez suas últimas confidências.* (SILVEIRA, 2005, p.143, grifos nossos).

Joel descreveu cada instante da cena, cada movimento e reação, fazendo com quem lia pudesse sentir ou, ao menos, ter uma visão mais próxima do que aconteceu a partir de sua visão enquanto testemunha. Diante das análises feitas ao longo do capítulo, pôde-se ter uma ideia de como era o trabalho dos jornalistas correspondentes de guerra, ainda que sobre a ação censória constante do departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O jeito único de escrever de Joel Silveira fez com que se tornasse uma das grandes referências no jornalismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar nos grandes conflitos modernos, como a Segunda Guerra Mundial, e não lembrar do jornalismo seria quase impossível, já que foi fundamental para que a história, que ali aconteceu, fosse registrada e não fosse esquecida. Ao longo da monografia pode ser visto que o jornalismo se constitui como fonte histórica, já que seus textos são reflexo das vivências dos próprios repórteres, como foi o caso de Joel Silveira. “É a chamada história vivida, registrada cotidianamente nos jornais” (RIBEIRO, 2000). Dessa forma, tornando-se peça fundamental para a construção histórica, já que funcionam como uma espécie de “diário da humanidade”, como afirma Ilmar Rohloff de Matos em seu texto “Brasil: uma história dinâmica”, de 1974, e citado por Ana Paula Ribeiro em seu artigo “A mídia e o lugar da história”:

Poderíamos pedir-lhe: - Conte-nos sua história. Ou dizer: - Faça sua biografia. Qualquer pessoa a quem se faça este pedido só poderia relatar parte de sua vida: aquela que sua memória foi capaz de reter. Com o passar dos anos, o acúmulo de fatos é tão grande, que é preciso diminuir a tarefa da memória: passamos a registrar fatos por escrito. Assim, inúmeras pessoas costumam fazer diários, isto é, registram os principais acontecimentos que lhes ocorrem a cada dia. Os jornais são os diários da humanidade. Assim, os fatos que acontecem hoje farão parte da história. (MATOS, apud RIBEIRO, 2000, p. 73)

Tais relatos são também textos construídos para o futuro, para que, assim, os feitos que ocorreram, como, no caso, a Segunda Guerra Mundial e as políticas estadonovistas, não sejam repetidos. Os textos, por serem “enunciados formalizados”, como enfatiza Jan Assmann (2006), exercem a dupla função de lembrança e de transmissão. Assim, são elaborados não somente para os que estão no presente histórico, mas, também, para os que estão por vir. Entretanto, no decorrer da história, houve figuras e governos que tentaram silenciar o jornalismo, como no caso do Brasil durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, que criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), em 1939, com o intuito de controlar a imprensa.

A escolha do personagem para a monografia deveu-se a sua importância para o desenvolvimento da escrita jornalística e do jornalismo em si. Suas contribuições para a profissão foram importantes para o jornalismo e sua história.

Diante do estudo realizado sobre a atuação do jornalista Joel Silveira como correspondente de guerra, na Segunda Guerra Mundial, na Itália, a partir de suas memórias, podemos chegar a algumas conclusões. A primeira delas é de que a memória e a história, apesar de serem distintas de significados, como afirma Nora (1993), atuam em conjunto.

Dessa forma, segundo, Barbosa (2007b) se o que aconteceu não será lembrado, restará muitos esquecimentos, ainda que se deva considerar que sempre existe uma seleção sobre o que será dito. Algumas vezes, por imposição, como vimos neste trabalho.

Como o DIP era um órgão censor que atuava sobre os meios de comunicação, os jornais eram os seus alvos. O Estado ditava o que poderia ou não ser publicado com o objetivo construir a ideologia estadonovista, criando uma figura, uma espécie de álter ego, de seu líder Getúlio Vargas, o “pai dos pobres”, angariando, em consequência, popularidade, apoio e força.

O DIP procura, portanto, divulgar, propagar e criar o mito Vargas. Biografias diversas do presidente, ilustradas, em formato reduzido – como santinhos da Igreja Católica – são distribuídas nas portas das escolas, ressaltando a figura excepcional de Vargas, a sua afeição pelos jovens e pelas crianças. O trabalho e o trabalhador, tônicas de ideologia estadonovista, são temáticas constantemente reforçadas pelo discurso do DIP. (BARBOSA, 2007a, p.119).

Já segunda conclusão que queremos destacar é de que, as ações que Joel Silveira descreveu nos campos de batalha, são fontes históricas de um acontecimento do já longínquo século XX. A meu ver, seu jeito de escrever e de pensar as situações para colocar no papel de jornalista, mas sobretudo como testemunha, foge ao tradicional texto jornalístico. E justamente isso que o torna uma referência no campo, fazendo com que, eu, uma estudante da segunda década do século XXI me interessasse por esse jornalista-personagem para produzir esta monografia. Acredito que o verdadeiro jornalismo está nas reportagens de Silveira. Contar o dia a dia como um diário pessoal, construindo proximidade com o leitor.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGUIAR, Pedro; LISBOA, Juliana. **A Agência Nacional no Estado Novo (1937-1945): entre o Jornalismo e a Propaganda**. In: GT História do Jornalismo integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/11o-encontro-2017/gt-2013-historia-do-jornalismo/a-agencia-nacional-no-estado-novo-1937-1945-entre-o-jornalismo-e-a-propaganda/view>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

ARAÚJO, Rejane. **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)**. CENTRO DE PESQUISAS E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, s/d. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>> Acesso em: 5 jul. 2022

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Ed.UNICAMP, 2011

ASSMANN, Jan. **Form as a mnemonic device: cultural texts and cultural memory**. In: HORSLEY, Richard; DRAPER, Jonathan; FOLEY, John Miles (dir.). *Performing the gospel. Orality, memory and mark. Essais dedicated to Werner Kelber*. Fortress: Minneapolis, 2006

ASSMANN, Jan. **Memória comunicativa e memória cultural**. *História Oral*, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan/jun. 2016.

BARBOSA, Marialva. *Imprensa e Estado Novo: O público como “massa” (1930-1940)*. In: **História Cultural da Imprensa – Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a, p.103-124.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa - 1900-2000**. Rio de Janeiro: MauadX, 2007a.

BARBOSA, Marialva. **Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro**. *Galáxia (PUCSP)*., v.12, p.13 - 26, 2007b.

BARBOSA, Marialva. *Por uma história cultural da imprensa brasileira*. **Lumina**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2008. DOI: 10.34019/1981-4070.2008.v2.20970. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20970>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método. Cenários e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: MauadX, 2020b.

BARBOSA, Marialva. **Gripe espanhola: fluxos encadeados de memória e lapidação das lembranças**. *Reciis. Revista eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*. V. 14, n. 4, 2020a, p. 821-830.

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa segunda guerra: os brasileiros em combate 1942-1945**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

BARONE, João. **1942: o Brasil e sua segunda guerra quase desconhecida**. 2. Ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

COSTA, Helton. **Crônicas de sangue: jornalistas brasileiros na II Guerra Mundial**. Ponta Grossa: Motres, 2019, p.159.

COSTA, Helton. *II Guerra: censura e regulamentos para correspondentes da FEB (1944-45)*. **Diálogos Secal: revista multidisciplinar**, Ponta Grossa, out. 2016 - mar. 2017.

DE ABREU, Alzira Alves. **Força Expedicionária Brasileira (FEB)**. CENTRO DE PESQUISAS E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, s/d. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/forca-expedicionaria-brasileira-feb>>. Acesso em: 21 ago 2022.

DONATO, Hernâni. **Dicionário das Batalhas Brasileiras: Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais**. São Paulo: IBRASA, 2ª ed., 1987, p.366 e p.367. Disponível em:<<https://books.google.com.br/books?id=xeyuqtq3ImUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 dez. 2022.

FERRARI, Danilo Wenseslau. **A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GARCIA, Néelson Jahr. **Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política**. Rocketedition, 1999.

GARRAFAS AO MAR: A VÍBORA MANDA. Direção: Geneton Moraes Neto. Produção: GloboNews. Youtube. 24 nov. 2016. Duração: 1h18min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mj1e6c8MTO4&t=3607s>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

GUEDES, Matheus. 'O GLOBO Expedicionário' se despede com notícias de democracia, Prestes e filmes Tabloide teve 37 edições na 2ª Guerra, levando informação, humor e incentivo a brasileiros que lutavam na Europa contra nazifascismo. Walt Disney desenhou a 'cobra fumando'. **Acervo O Globo**, 11 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-globo-expedicionario-se-despede-com-noticias-de-democracia-prestes-filmes-16239133>>. Acesso em: 20 de dez. de 2022.

HENN, L. G. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da segunda guerra mundial. **Revista Sociais E Humanas**. Santa Maria, v. 26, n. 3, p. 670-686, 2013. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/6022>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

JOEL SILVEIRA: A VÍBORA. Produção: Rede Globo. Youtube. 22 abr. 2014. Duração 15 min. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=3smrF-BVETE>>. Acesso em: 3 nov. 2022

KNACK, Eduarda. **A Guerra Dentro Da Guerra: Luta dos Correspondentes Em Monte Castelo**. Orientadora: Marialva Barbosa. In: GT História do Jornalismo integrante do VI Encontro Regional Sudeste de História da Mídia - Niterói - 19 nov. a 20 nov. 2020.

MARTINS, Luciano. **Estado Novo**. CENTRO DE PESQUISAS E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, s/d. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-novo>>. Acesso em 5 jul. 2022.

MIRANDA, Fernando. **Uma Conversa Com Joel Silveira**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2007.

NETO, Ricardo Bonalume. Brasil na 2ª Guerra Mundial: a conquista de Monte Castello: Uma breve história da também breve – mas corajosa – participação brasileira no maior conflito da história. **Revista Super Interessante**, 31 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/brasil-na-segunda-guerra-mundial-a-conquista-do-castello/>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. V.10 1993: jul./dez. história e cultura, p.7-28.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5., n.10., 1992, p.200-212.

RIBEIRO, Ana P. **A mídia e o lugar da história**. p.72. Assim RIBEIRO, Ana Paula. “A mídia e o lugar da história”. Lugar Comum, n. 11, 2000, p. 25-44.

RODRIGUES, Pauline. **Os correspondentes de guerra na construção memorialística da força expedicionária brasileira**. In: DE OLIVEIRA, Dennison (Org.). A Força Expedicionária Brasileira E A Segunda Guerra Mundial - Estudos E Pesquisas. Curitiba, 2011, p. 65-73.

SALGADO, Aline Silva. **De cronista a testemunha da história: a reconfiguração do papel do repórter no jornalismo dos anos 40**. 2009. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2364>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SILVEIRA, Joel. **O inverno da guerra**. Objetiva, 1. ed., 2005.

SILVEIRA, Joel. **Na fogueira: memórias**. Mauad, 1998.

SQUEFF, Egidio. Magnífica a tarefa de nossos correspondentes de guerra. **O Globo Expedicionário**, Edição 23, 8 de fevereiro de 1945. P, 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/177415/per177415_1945_00023.pdf>. Acesso em 23 out. 2022.

VOLCEAN, Tamiris Tinti. **Crônica de guerra: um estudo comparado entre os correspondentes Rubem Braga e Joel Silveira durante a Segunda Guerra Mundial**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155715?locale-attribute=es>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5ª. ed., Lisboa, Presença, 1999.